



**UNIVERSIDA ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

JULIANA APARECIDA JONSON GONÇALVES

Inaína: hacker dos afetos

Campinas

2016

JULIANA APARECIDA JONSON GONÇALVES

Inaína: hacker dos afetos

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Educação, na área de concentração de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

Orientador: Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

O ARQUIVO DIGITAL CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA JULIANA APARECIDA JONSON GONÇALVES, E ORIENTADA PELO PROF. DR. ANTONIO CARLOS RODRIGUES DE AMORIM.

CAMPINAS

2016

TESE DE DOUTORADO

Inaína: hacker dos afetos

Autora : Juliana Aparecida Jonson Gonçalves

COMISSÃO JULGADORA:

Orientador Prof.Dr. Antonio Carlos
Rodrigues de Amorim

Profa.Dra. Alik Wunder

Profa. Dra. Renata Pereira Lima Aspis

Prof.Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Prof.Dr. Carlos Eduardo Ferraço

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 141529/2013;
CAPES, BEX 6732/15-1

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Gonçalves, Juliana Aparecida Jonson, 1980-
G586i Inaína : hacker dos afetos / Juliana Aparecida Jonson
Gonçalves. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Antonio Carlos Rodrigues de Amorim.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.

1. Spinoza, Benedictus de, 1632-1677. 2. Delleuze, Gilles, 1925-.
3. Afeto. 4. Imaginação. 5. Arte urbana - Grafite. I. Amorim, Antonio
Carlos Rodrigues de, 1968-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Inaína : hacker of affects

Palavras-chave em inglês:

Spinoza, Benedictus de, 1632-1677

Delleuze, Gilles, 1925-1995

Affect

Imagination

Urban art - Graffiti

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem
e Arte

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora:

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim [Orientador]

Alik Wunder

Renata Pereira Lima Aspis

Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Carlos Eduardo Ferraço

Data de defesa: 09-05-2016

Programa de Pós-Graduação: Educação

Dedico a quem se perdeu em busca de uma saída.

Agradeço¹ às amigadas que a vida me traz, à minha família, à minha mãe, ao meu pai, à minha irmã e ao meu irmão. Agradeço ao querido orientador Antonio Carlos Rodrigues de Amorim, EiCi, pela paciência e incentivo à esta pesquisa. Agradeço aos meus queridos professores: Antonio Carlos Amorim, Adriel Visoto, Alik Wunder, Renata Aspis, Silvio Gallo, ao Bosque, Luis B. L. Orlandi, Dorival Rossi, João Winck, Suzana Dias, Alda Romaguera, Carlos Ferraço, Maria Brito, Ekin, Daniel Lins, David Le Breton, Nadir Camacho, Rita, Cléo, Luciana, Heloisa Neves, Rafael Pupim, Lucas Melo, Samuel Zanesco, Cristiano Nunes Alves, Lilian Barbosa, Ionara Veiga, Solange Rizzo, Maia Jorge, Laura Mendes, Cintia Baldrighi, Marco Januário, Adriel Fernandes, Camila Bezerra, Emanuel Pimenta, Fabiana Lyderis, Ana Milhor, Bel Cabral, Sarah Vilhena, Sara Sibella, Juliana Campos, Camila Manfredini, Isabela Santanna, Cecília de Paula Ciça, Victoria Protuc, Pedro Rocha, Guilherme Ivo, Marcus Novaes, Chantal Kappel, Capa, Mari (Pira), Djan Cripta, EXIT, Sirlei Maria Jonson Gonçalves, Ozório Gonçalves, Ozório Gonçalves Junior, Sheilla Cristiene Jonson Gonçalves Ducati, Ana Gonçalves Côrrea, Pedro Gonçalves Ronzani, Lucas Gonçalves Côrrea, Laura Jonson Gonçalves Ducati, Mariana Gonçalves Côrrea, Lorena Gonçalves Ducati, Luis Gustavo Ducati, Rosali Ducati, Rafael Ducati,

¹ Em texto proferido na defesa de tese, realizada no dia 09 de maio de 2016, o ato de agradecimento é explanado pelo texto disponível em:

<http://cupiditas-daimon.tumblr.com/post/145272588861/uma-proposta-de-aula-sobre-agradecer-na-defesa>

Marcos Leonardo, Juliana Jonson, Zakariah Tafnout, Rodrigo Scalari, Laisa Guarienti, Glaucia Figueiredo, Paula Larruskain, Arnaldo Vicente, Ana Rosa, Sergio Franco, Ana Beatriz, Elaine Bortolanza, Eliana Rafael, Elderson Mello, Mestre Cláudio, Lari Lisboa, Xico Sá, Edilene Narezzi, Tânia Soares, Gustavo Coelho, Daniel Mittman, Rômulo Froés de Carvalho, Juliana Bom-Tempo, Matheus Youssef, Gabriel, Murilo de Lima, Felipe Lesage, Gustavo Scolfaro, Nabil Sleimann, Jorge Romero, Edison Cabeza, Miguel San Martin, Cristiano Barbosa, Marcio Marcio, Patrik Vezali, Flavio Rabelo, Juliana Pfeifer, Mercês Santos, Elon Amaral, Marcos Myskah, Bruno Matuto, Wilner Brutus, pessoas da vida, Augustin Walmy, Janaina Vallim, Renan Inquérito, João Flavio Lima, Wesner Saint-Juste, Johny Rústico, Mano Brow, Rafael Cavaghyery, Marjolaine Ambry, Suellen, Inaína, o PIXO, As Exóticas, Dona Maria, Amanda de Campos Scavone, Bdg, Ld~, Virginia Woolf, Pamela Zacharias, Hellen Maluly, Kal Camargo, Bianca Souza, Camila Amaral, Angela Prada, Clarissa Bueno de Almeida, Diego Carvalho de Oliveira, Roberta Casanova, Amanda Gonsales, Michelle Camargo, Diego Lanciote, Silvia Jonson Pontes, Vó Antonia, Vó Fia, Vô Dito, Vô Zôrico, Fernanda Nunes, Giselle Beiguelman, Daniel Wilde, Paulo Tiefenthaler, Thiago Venco, Moon Malcom, Breno Bittencourt, Tico Angoleiro, Nina Simone, Simone Amorim, Gabriela Leite, Orl, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Benedictus Spinoza.

RESUMO

O afeto como variação contínua do existir, assim demonstrado na Ética de Spinoza, é fundamento teórico para a investigação de uma educação que se faz pelo cotidiano nas ruas e as iconografias urbanas que se inscrevem nele, pichações e grafites. A ética como metodologia para uma escrita experimental, coloca em aproximação o afeto em Spinoza do conceito de afecto em Deleuze e Guattari para revelar de tais iconografias o movimento em ação pelo pertencimento na paisagem e espaço das cidades. Com a invenção de personagens na história “Obra Inacabada”, realiza-se um trajeto por paixões e junto aos conceitos de imanência em “O que é a filosofia?” e de imaginação na Ética, explora-se a multiplicidade de caminhos que se abrem para uma educação não formal que potencializa a vida pelo sentido dos afetos, das sensações e da sabedoria com o conhecimento pelas afecções no corpo.

Palavras-chave: Spinoza, Benedictus de, 1632-1677; Deleuze, Gilles, 1925-1995; Afeto; Imagem; Arte urbana - Grafite.

ABSTRACT

The affect in wise of continual variation of existing, being thus demonstrated in Spinoza's Ethics, is theoretical grounding for the inquiry of an education made by daily routine in streets and by urban iconographies which are inscribed in it, on the walls, tags and graffitis. Ethics as methodology for an experimental writing puts the affect in Spinoza in approximation to the concept of affect in Deleuze and Guattari, thus revealing from such iconographies the movement in action by its pertaining to the cities's landscapes and places. With the invention of characters in the history "Uncompleted Works", a stretch is effectuated by passions and along with the concepts of immanence in "What is philosophy?" and imagination in the Ethics, which in between occurs an exploration of the multiplicity of paths that open themselves to a non-formal education which potentializes life through the sense of affects, sensations and wisdom, with the knowledge by the affections in the body.

Key-words: Spinoza, Benedictus de, 1632-1677; Deleuze, Gilles, 1925-1995; Affect; Imagination; Urban art – Graffiti.

ÍNDICE DE FOTOS:

Foto 3.1 - Invasão de pixadores à 28ª Bienal de Artes de São Paulo.
p.45

Foto 3.2 - Ayyam Galery_Tammam Azzam – Síria. p.46

Foto 3.3 - TARS_Monalisa funkeira. p.47

Foto 3.4 - grafite do NUNCA, São Paulo, 2004. p.48

Foto 3.5 - Pixação. p.49

Foto 3.6 - Escada rolante metrô Pyrenees, Paris, 2015 . p.50

Foto 3.7: Foska doidera_Dia de Natal, 2013. p.51

Foto 3.8: Intedição do andar onde trabalhavam prostitutas em prédio de
Niterói – R.J., 2014. p.52

Foto 3.9: Damas da noite, Campinas, 2014. p.53

Foto 3.10: Pixação denúncia em banheiro feminino, Unicamp –
Campinas, 2014. p.54

Foto 3.11: Vila Pompéia, São Paulo, 2013. p.55

Foto 3.12: Zero ao cubo_São Paulo. p.56

Foto 3.13: Teatro Galpão, Bauru – S.P, 2001. p.57

Foto 3.14: dance, pixação em banheiro feminino, Unicamp – Campinas,
2014. p.58

Foto 3.15: pixação Campinas (RIGOR), 2013. p.59

Foto 3.16: grafite em Lençóis, BA, 2007. p.60

Foto 3.17: Sergio Yuppie (skate). p.61

Foto 3.18: São Paulo, 2014. p.62

Sumário:

0.0. LINK INAÍNA:	12
1.ALGUMAS LINHAS INTRODUTÓRIAS,	13
2. ACERCA DO AFETO:	25
2.1 – Afehto	34
03 -----PROBLEMATIZAÇÃO DO AFEHTO.....	38
3.1 - Permanência no afehto, ideia de pertencimento.....	40
04. PROJETO: A CIDADE COMO UM CORPO:.....	63
Apêndice 1: Cidade, corpo?	64
Apêndice 2: afeto e signos	71
Apêndice 3: ináina e imaginação e imanência	76
Apêndice 4: expressar afeto: uma ideia que afirma.....	87
05 _____ FIM	93
5.1 _____ Após a última cena:	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	98

0.0 . LINK “OBRA INACABADA”

https://issuu.com/juljubjulianuskah/docs/obra_inacabada_ina_na_julianajonso

Algumas linhas introdutórias,

“Uma coisa qualquer, entretanto, seja ela mais perfeita ou menos perfeita, sempre poderá perseverar no existir, com a mesma força com que começa a existir, razão pela qual, sob esse aspecto, todas as coisas são iguais.”

Baruch Spinoza, *Ética*.

O que de Juliana Aparecida Jonson Gonçalves relaciona-se com a educação?

Neste país onde ainda é restrito o acesso a um bom ensino, Juliana teve a oportunidade de começar sua vida acadêmica aos dois anos e meio, quando repetiu pela primeira vez. As professoras alegaram que Juliana só dormia, fazia xixi no colchãozinho e era melhor que novamente fizesse o maternal. Das lembranças deste período uma imagem azulesverdeada de minha mãe um pouco triste partindo pelo portão, deixando-me aos prantos com a professora que me segurava pela mão.

Ahhhh.. a escola, período drástico de minha vida!

Da mesma maneira que outras pessoas, mesmo na década de 1980, colégio particular em um bairro de ricos na cidade de São Paulo, vi na escola roubo, violência verbal e física, assédio moral, discriminação e ameaça. Desde cedo o convívio social nos coloca diante das desigualdades dos sentimentos e para conflitar meu nervoso sistema aprendiz a cada refeição familiar eu e meus irmãos éramos lembrados do esforço que meu pai fazia para pagar as mensalidades sem atrasar um dia.

Nós sabíamos muito bem, pois durante o ano todo eu sonhava com a viagem à praia que aconteceu três raríssimas vezes entre os meus 3 e 16 anos. Suportar todo começo de ano aquele comentário “não toca minhas costas, pois estou queimado(a) de sol” brochava meu coração e colocava minhas férias como inferior à dos coleguinhas. Naquele tempo eu não tinha ação para fazer mais do que repetir muitas vezes que eu queria ir à praia nas férias, nos feriados e não para a casa das minhas avós.

Da ordem de cumprir os estudos, ter boas notas, honrar as mensalidades do colégio que consumiam mais da metade do salário de meu pai e a caneta bic de minha mãe que se sentava à mesa fazendo cálculos e mais cálculos com extratos e canhotos de talões de cheques me restava sempre olhar pelas janelas e escutar rádio.

“Você é uma menina mimada, tinha do bom e do melhor” muitos podem dizer e isso já era dito nas reuniões maiores de família, outro convívio social. Ao que é bom, sou grata e ao que há de “melhor”, desconfio. Esta é a personalidade que se formou em meio a tantos julgamentos a que somos submetidos e de uma criança que soube crescer imaginando os mais variados territórios de fuga enquanto controlava as lágrimas por motivos que aqui não serão expostos desta vez.

Ao menos tinha um mar interno, com afetos intensos e bruscos que tinham territórios específicos para se expressarem. A alegria quando não era aos sábados, dia sagrado da pizza, era na rua para ver e expor-me. A tristeza era geralmente no banheiro onde imaginava que eu poderia ter um frigobar para os momentos em que me dava fome de pensar em tantas resistências ao abrir a porta.

Do primário ao colegial, as relações afetivas com a escola não mudaram muito, sempre um professor preferido, a mesma dor de barriga, raras amizades e notas na média. O momento da entrega de provas, dedos fazendo figas debaixo da carteira, o alívio e a angústia no fim de cada bimestre e a entrega do boletim aos pais, afetos variáveis por um 8,0 em matemática, um 6,0 em história e sempre o falso 10,0 em educação física.

Aos 16 anos mudei de escola, de cidade e passei a enfrentar as dificuldades de sistemas de ensino maiores, catracas, repugnantes bedéis, atraso nas mensalidades do colegial/cursinho e a perceber que toda a pompa do colégio anterior não era tão potente quanto todos os envolvidos imaginavam. O colégio do interior era mais exigente, minhas notas eram suadas, mas conheci pessoas mais acolhedoras, as ruas eram mais largas e o meu dia durava mais.

Depois de todo este tempo escolar desgostoso – sim, eu sofria ao ir para escola -, como diz a música de Itamar Assumpção “a cada mil lágrimas sai um milagre” e então eu estava na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp - Campus Bauru, onde me choquei de alegria em encontrar pessoas tão

parecidas comigo, por sentir-me aceita naquele convívio sem impedimento. Todo o drama com os trabalhos, os professores, as notas, representavam 1% do que me preocupava, 90% era alegria e os outros 9% a insolucionável incompletude da existência.

Coloco agora a questão que sempre me é interrogada: qual a relação de Juliana, arquitetura e educação?

Por ser uma convicção desde a infância, desenhando projetos de casas, gosto de apresentar-me como arquiteta e urbanista, mestre em Educação. No entanto, arquitetura, urbanismo e educação ligam-se no que sempre me moveu a pensar no trajeto e convívio entre a escola e a casa: quais afetos fundam uma cidade?

Quando decidi não mais prostituir meu trabalho no metier arquitetônico vi na vida acadêmica a possibilidade de continuar os projetos que iniciei na Unesp e a pós-graduação em Educação na Unicamp me acolheu com a convicção de que o conhecimento da arquitetura é para todos e pode ser mais uma ramificação da Educação.

No mestrado, também com orientação do Prof. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim, trouxe das sensações transformadoras com a Chapada Diamantina o interesse em estudar o conceito de percepto em Gilles Deleuze (1925-1995) sobre questões do belo² e a arte. Para compreender melhor o percepto, fui naturalmente conduzida à obra de Benedictus Spinoza (1632-1677), que por ser detalhada entranha-se nas conversas, nas ações, e tão afirmativa, provoca o início de mais um combate aos afetos de meu plano de imanência.

O encontro entre ética, arquitetura e educação é motivado a continuar estudando dúvidas de momentos variados que se unem e persistem ainda 30 anos depois e aqui vos cito:

- um sábado qualquer na sala de casa, em torno dos 06 anos de idade com um gravador de fitas k7: “pai, o que você acha das crianças que moram nas ruas?”
- fim da aula de um professor da graduação que admiro muito e timidamente pergunto: “Existe arquitetura social?”

São questões para fazer borbulhar os afetos das ruas e as quais rememoram as primeiras respostas com projetos e grupos de trabalho enveredados por propostas de fruição no espaço como, por exemplo, o trabalho de conclusão de

² Sobre a tendência ao estudo do belo, ver também Deleuze e Guattari (1992, p. 193).

curso “Arquitetura sen-tido”³, um ritual de degustação do espaço⁴. Para o doutorado repensar essas experiências com a filosofia de Spinoza expande um campo sutil do conhecimento arquitetônico a auxiliar caminhos que possam emergir e reestruturar espaços de convívio.

Acatando a sugestão dada pela banca da dissertação por um olhar menos da admiração e mais para o não admirável, esta pesquisa investiga a ideia do publicamente incorreto na paisagem de cidades: a pichação. A pichação na vitrine das cidades, uma maneira educativa de ir ao encontro desta imagem de estranhamento correlacionada ao confronto de territórios, à arquitetura, ao belo, à rua, à escola e utilizada como método da naufraga spinozana que nestas paisagens áridas de si mesma, de afeto em meio aos outros na cidade, persegue o saber de conservar a si como alegria, de valorar o afeto e não suprimi-lo ao buscar a razão de Juliana e a educação; singularidades de uma narrativa da escola, o espaço, a cidade, dinâmicas em espaços de convívio, proibido, duro, imposto e maleável a golpes de martelo ou como declara o manifesto hacker: “O meu mundo começa com a escola... Sou mais esperto do que a maioria dos outros meninos, e o lixo que nos ensinam me deixa entediado...” (MANIFESTO hacker apud ASPIS, R. L., 2012, p.166)

A proposta de um escrito experimental como exercício poético para a pesquisa, elabora interações de tristezas e alegrias aos personagens, ao hackerismo que levam ao acaso o leitor e a autora que nele também se experimenta como prática e reflexo de como lê a Ética que se coloca como fio condutor, designada

³ Texto de qualificação no curso de mestrado em Educação, autoria própria, 2008: “Eram criações que formavam um conjunto composto de: degustações* – estranhas porém saborosas -, sonoridades executadas por Fernando TRZ e Martin Herraiz e imagens projetadas em um telão – entre elas, algumas obras de Lygia Pape – que interagiam com a entrada dos curiosos e convidados. Desta diversa interação entre vários estímulos para os sentidos humanos (visão, audição, paladar, tato e olfato), o detalhe da inexistência de um motivo comemorativo diferenciava esta ocasião de uma festa, para assim dar propriedade a um evento, em que a ideia principal foi provocar deslocamentos físicos dos corpos ali presentes, entre as criações comestíveis, de forma a instigar os pensamentos a irem além da percepção comum, e, despertar o corpo para outras formas de se reconhecer o que é o espaço para arquitetura, e consequentemente reconhecer o espaço em que se está. *n-gels: gelatinas de diferentes cores e diferentes sabores, em forma de pequenas esferas, sendo que um mesmo sabor poderia corresponder a diferentes cores, e uma mesma cor poderia corresponder a diferentes sabores, fazendo com quem as degustasse perde-se a referência sobre as cores e os sabores.

Pixxi Lux-drug: delicioso doce de especiarias, com aspecto quase idêntico ao de piche de asfalto. Para alcançar a boa sensação que esta criação prometia, era necessário antes a coragem de se desfazer dos referenciais que a ideia de piche os traziam.”

⁴ Como abordagem do conceito de espaço ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. 14. 1440 - o liso e o estriado. In: __. *Capitalismo e esquizofrenia: mil platôs*. Vol.5. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1997, p.179-214).

a conservar o ser no vivido, faz a escrita tornar-se minuciosa para driblar a multiplicidade de paixões e conseguir escolher quais afecções que a melhor compõem.

“Sim, sou um criminoso. Meu crime é a curiosidade. Meu crime é julgar as pessoas pelo que elas dizem e pensam, não por sua aparência. Meu crime é ser mais esperto que vocês, algo que vocês não conseguem perdoar. Sou um *hacker*, e este é meu manifesto. Vocês podem parar um indivíduo, mas não poderão nos parar a todos... afinal, somos todos iguais.” (MANIFESTO Hacker apud ASPIS, 2012, p.166)

E dando continuidade à escolha pela Ética de Spinoza, pois isso se deve ao não esgotamento de sua obra que interessa pensar sobre o *afeto* que aproxima arte, arquitetura, urbanismo e educação. Os espaços públicos, as praças, os hospitais, tudo o que ocupa a sociedade e acarreta seu funcionamento, como estão? O funcionamento é dado e também é vontade das pessoas, escolha dos convivas. Vida de imanência e repetição, os bares de uma história repetem-se nas casas dos que menos esperam, pois sobre a vontade, o intelecto e a imaginação, Spinoza escreve:

“Corolário. A vontade e o intelecto são uma só e mesma coisa.

(...)

Escólio. Suprimimos, assim, a causa à qual, comumente, se atribui o erro. Já havíamos mostrado que a falsidade consiste apenas numa privação que as ideias mutiladas e confusas envolvem. É por isso que a ideia falsa, enquanto é falsa, não envolve a certeza. Assim, quando dizemos que um homem se satisfaz com ideias falsas e não duvida delas, não dizemos com isso que ele está certo, mas apenas que não duvida, ou seja, que se satisfaz com ideias falsas porque não existem quaisquer causas que façam com que a sua imaginação flutue. (...) Começo, assim, pelo primeiro ponto, advertindo os leitores para que distingam cuidadosamente entre, por um lado, a ideia ou o conceito da

mente e, por outro, as imagens das coisas que imaginamos. É preciso também fazer uma cuidadosa distinção entre as ideias e as palavras pelas quais significamos as coisas. Pois muitos – seja por confundirem inteiramente essas três coisas, quer dizer, as imagens, as palavras e as ideias, seja por não as distinguirem com o devido cuidado, nem, enfim, com a devida prudência – ignoraram inteiramente essa doutrina sobre a vontade, cujo conhecimento, entretanto, é absolutamente indispensável para conduzir sabiamente tanto a indagação quanto a vida. Com efeito, aqueles que julgam que as ideias consistem nas imagens em que nós se formam pelo encontro dos corpos estão convencidos de que essas ideias das coisas das quais não podemos formar nenhuma imagem que se lhe assemelhe não são ideias, mas apenas ficções que fabricamos pelo livre arbítrio da vontade. Vêem as ideias, pois, como pinturas mudas em uma tela e, imbuídos por esse preconceito, não vêem que a ideia, enquanto é ideia, envolve uma afirmação ou uma negação.” (SPINOZA, 2009, p.89-90)

A tese, uma escrita libertinária que só não deve perder o afeto, a superfície de contato, a afecção potencializadora, o desejo-vida de escapes, de duvidar, exercitar o pensamento, desafiar-se a novos caminhos, perceber a imanência do que afirma, é potente. Um sonho não deve ser temido, o pesadelo não deve ser sustentado. Minuciosamente, por vezes impulsiva, destrone as máquinas do poder, do Estado, da tristeza vacinável, do controle.

Em particular, este estudo teve maior aprofundamento com a oficina “Mapeando o comum em São Paulo”, realizada durante uma semana no Sesc Pompéia onde se deu o encontro com outros pesquisadores da pichação, de áreas de Direito e Arquitetura, e com os pichadores em um dos points da pichação de São Paulo, contato este que acabou por estender-se através das redes sociais.

Os pichadores estão partindo para ação contra criminosos históricos, descontrolados, afetados. Os pichadores estão desarmados na luta contra armados de raiva, ódio, covardia, audácia, avareza. Se pichações e grafites são protestos e artes urbanas, por serem públicos, são eles responsáveis em desdobrar mundos de menos vigilância, menos punição e colaborar ao crescimento das massas de corpos-alegres?

Ambos, armados e desarmados, são exposições que provocam afetos e o que estes provocam à cidade⁵? Perguntas filosóficas feitas para descobrir onde se fazem as marcas da virtude, dos nobres, do ouro e do e. Sair do *ou* ao *e*, é que o site <http://mouches.mnhn.fr/> trouxe ao texto de Amorim (2007, p.20) “a transformação do ato banal, corriqueiro e cotidiano de matar a mosca em uma decisão de fundo ético e polêmico. Limite do nonsense, desconcertante e sedutor.” Pelas iconografias urbanas, este trabalho transita por ruas, reafirma a potência da educação para a arquitetura e vice-versa.

Atualmente é discutido se a pichação deve receber o status de arte e hoje com maior clareza e admiração por este objeto de estudo declaro que isso faria com que esta ação perdesse seu potencial de acontecimento rendendo-se às instituições e ao mascarado poder do mercado de arte. Por este posicionamento, os leitores deste texto observarão que preferi pichação e grafite como um conjunto de iconografias urbanas, pois ainda que haja disputas pelas propriedades da cidade entre pichadores e grafiteiros, sabe-se que um contribui para existência do outro e que todo grafiteiro um dia já foi ou ainda é pichador.

“Tomando a Nova York da década de 1970 como marco inicial, engendrador do nomos do grafite – aspecto referendado por todos os grafiteiros desta pesquisa -, não poderíamos acolher os pioneiros das intervenções urbanas em São Paulo enquanto grafiteiros. Das regras fundadoras, respeitam apenas duas: estavam na rua, ainda que de forma incipiente, e eram levemente transgressores, por realizarem a prática sem a necessidade da autorização. (...) Para eles, vale a pena jogar o jogo, e a nós que olhamos de fora, cabe levar a sério suas disposições, se quisermos entendê-los.” (FRANCO, 2009, p.28)

⁵ Cidade é um termo antiquado ao tempo das redes, mas tal especificação de limite de território é necessário ser retomado para contrapor e ressaltar diferenças de escalas e percepções das conexões que temos acesso. Na era das plataformas midiáticas é hora de aproveitar as vagas de imaginação para sentir que existem nas cidades como hackeá-las, assim como o pichador que ao invés de sentir a falta, faz do risco uma nova inserção na cidade. Como sua, como uma, como a arte e a ética aplicam-se à convivência?

Outros trabalhos de campo integram o percurso da pesquisa com músicas, convívios com artistas e espaços públicos. Grafiteiros trabalhando, sol, andaimes, aulas de música, escadas, água, cerveja, cinema, rangos, tintas, hip hop, rap, break, cores, gestos, rua, parede, conversas, chão, ervas daninhas, rachaduras, texturas, cheiro, contravenção, inspiração. Procurar o como se dá um estudo da Ética tornado palpável. Os benefícios das pessoas sentirem conceitos, da educação que abre olhares, de que a sensação é uma potência.

Em contribuição à pesquisa em relação aos estudos sobre Spinoza, Deleuze, Guattari, foram costurados alguns trabalhos em uma colcha acadêmica. Muitos encontros se deram e primeiro foi preciso senti-los para depois escrever. Um erro de metodologia talvez, pois concorrem ao tempo os prazos, que nem sempre convêm a um constructo artístico. O laboratório de se encontrar com os personagens e colocá-los nos meios acadêmicos foi uma das articulações para usar a imaginação e algo cada vez mais solicitado pelas personagens, a teoria e os temas da pesquisa. Um imbricado ao outro, pedem as ruas, liberam o corpo do julgamento e, sobretudo, quando se entra nestes reais mundos de pessoas. O conhecimento da proximidade entre mundos de qualidades diferentes, e com o qual se pode trocar, contaminar e ser contaminado, um embate de imagens que resta ao jogo que se possa imaginar, corpos substanciosos de tinta, superfícies de bolha de sabão. Mesmo com falha, esta é a superfície do risco: “Uma série explode na outra, cria circuito com outra: aumento de potência ou circuito de intensidades.” (PRADO, 2014, não paginado)

A incerteza é dona de muitos momentos em uma história de paixões, que não se quer pertencimento. Para desprender o corpo à escrita, transfigurar, assumir a busca de fazer-se personagem e vontade de se entregar, tornam tempo e disponibilidade necessários para perceber os hábitos e defender aqueles que potencializam uma personagem que precisa das ruas, assim como descobrir o que é do conviva.

Maquiagens, fantasias, continua-se o percurso em salões, convenções em que a invenção levou a insuportáveis trabalhos apresentados nos primeiros caminhos da história. Cacos, pedregulhos, arames, grampos, areia, espelhos, brincos, virgindade para não apavorar a tristeza, e sim o inverso, o de expor texturas das paixões que sempre levam a algum interessado questionar e se questionar. Pessoas solidárias nos momentos mais perversos, querendo fazer pensar e

algumas cumprir papéis. Um trabalho provocativo, portanto com a necessidade de colocar-se como personagem a camuflar-se em um novo mundo a construir. Fabulação, entrar na cabana e se perder, na toca do coelho e sair, as crianças na cama dos pais, “estes espaços diferentes que são a contestação dos espaços onde vivemos” (FOUCAULT, 2013, p.35).

Um lugar dos despidos, dos descontrolados, dos provocadores do sistema, pichações e prostitutas, lugares onde se discutem como nos diálogos do filme *Pixadores* (2014) e ressalta Kripta Djan: “Quando não há justiça, há sempre insatisfação, e a pichação de um muro é o sinal da insatisfação.”

É a imagem, a notícia e o afeto no tiro ao alvo das mídias, é a expressão⁶ como meio de atingir o afeto. Expressão é o desejo, capacidade de exprimir a essência eterna e infinita, sem pedir nada em troca, agir e viver as consequências, corromper o que impede e sufoca a vida. Na introdução da obra de Deleuze (1968):

Na *Ética*, as fórmulas correspondentes são as seguintes: 1^o) *aeternam et infinitam certam essentiam exprimit* (I, 10, esc). [“exprime uma essência precisa – eterna e infinita”]. 2^o) *divinae substantiae essentiam exprimit* (I, 19 dem.) [“exprime a essência da substância divina”]; *realitatem sive esse substantiae exprimit* (I, 10, esc.) [“exprime a realidade, ou seja, o ser da substância”]. 3^o) *existentiam exprimunt* (I, 10, c.). [exprimem a existência]. Os três tipos de fórmulas acham-se reunidos em I, 10, esc. Em relação a isso, esse texto contém nuances e deslizamentos extremamente sutis. (DELEUZE, 1968, p.09)

Não se sabe ao certo como capturar o afeto, pois ainda há muitas paixões a serem desconstruídas. O corpo que mais pode sentir - o outro, alegria, correspondência, convívio, esquizofrenia nos lugares -, o que exprime o afeto é o

⁶ Sobre modos de expressão: “A *Ética* apresenta três elementos que constituem não só conteúdos, mas formas de expressão: os Signos ou afectos; as Noções ou conceitos; as Essências ou perceptos. Correspondem aos três gêneros de conhecimento, que também são modos de existência e de expressão.” DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS). p. 156.

que o sustenta como afecto? Ler o mundo em interação com a potência de si e hackear, destinar os passos ao desejo em Spinoza ou substância: “aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado” (SPINOZA, 2009, p.13). Esforço, ação de perseverar no ser, como faz o escritor a extrair afecto das afecções, o afeto das paixões, o drama sem ser chato, o eterno perdurar da obra que acalanta o leitor com um enredo e quando bem entende o joga para fora do tapete voador. A magia sob controle da alegria prudente de perseverar em si como tantas vezes ressoa a voz de Chico Science (1966 – 1997) “a responsabilidade de tocar o seu pandeiro é a responsabilidade de você manter-se inteiro” (1994).

O corpo ao extremo nos eventos acadêmicos relacionados ao tema de pesquisa, preciosos encontros com as portas da pichação, percursos por superfícies e derivas da prostituição. Ambos os lados das superfícies na cidade escura, noturna, escusa, do picho, do prazer, de sedução. O afeto da mão que acaricia um e todos, espregando a tinta no tijolo. Whisky, quente no hotel Comodor, Inaína a primeira personagem a surgir, longe, sentada, blusa de cetim azul, olhos contornados de preto, unhas de índia, batom vermelho. Sua sedução é desenhada como a doçura que tempera sal e caipirinhas de Copacabana, “lendo mais o mundo do que o vendo” (DELEUZE e PARNET, 1988, p.196) em uma vida prostituída e sufocante por páginas que não expressam o que há de triste, com o receio de a melancolia tornar-se decadência.

Das apresentações acadêmicas muitas se tornam gritos ecoando na atmosfera para serem capturados e Inaína se constrói a cada vez que aparece, das palestras aos coquetéis, das festas às boates, dos amores às bibliotecas. A subjetividade que se alarda para ser desconstruída em corpo subjétil spinozano. O encontro com a rua e a escola se faz pela ligação do afeto e no caminho, desertados, desorientados, seguidores de esteiras levados a infinitos cruzando olhares e acusações, tecido estriado, involução dos próprios dejetos. A máquina de guerra dos convivas deseja ser maior para estrangular aqueles que bloqueiam ações, fixam obstáculos e vomitam regras. Os convivas estão presentes para criptografar, são hackeadores por afetos na cidade. Criptografar e descriptografar afetos, Spinoza e os hackeadores de afetos.

A invasão de pichações, o refúgio da libido, na passagem de um lugar ao outro o dia, a jornada dos trabalhadores, habitantes, afins, vivos. A imagem e a máscara sendo encontradas como cartas de um diálogo, fases que desvendam egos, a lírica e a escrita, o passo torto dos convivas, a alegria perdida nos bares, poesia até o enfado, a azia. Quantos viveres fazem uma rua? E a cidade?

Porque o que você sente não é mais forte, nem mais fraco, poderia gritar a mendiga Irinês (GONÇALVES, 2016, p.27). O medo a nos afastar das pessoas nas ruas, da miséria, da angústia, da dor, do desconhecido. E porque continuar a inventar nesta forma?!! Ao estarem assados, de alguma forma terão de ser digeridos, por isso esta tese se propôs a ler estatutos, vivenciar anarquias, afetar-se. As máquinas de personagens desprogramam jogos, testes, protótipos. A insurgência de hackers se dá por todas as partes ampliando potências de diversas intenções de mundos. As redes as mapeiam, identificam como os afetos são traçados e as paixões neles misturados. Escrita, afeto e educação como mais uma diversidade da complexificação das redes a viabilizar um menor desconforto ao movimento das massas de viver, trânsito entre camadas desconexas, novas introduções, tudo por se fazer pelo que foi feito, com potência alegre, ativa.

Apagar linhas, passar por cima de letras, riscar convidados, tomar um absinto, um conhaque, uma talagada de cachaça, lerdar-se no ócio, arretar, resetar, distribuir. Verbos precisam estar no presente⁷, lembranças no passado, loucuras soltas e respeito sempre. Tantas são as condições exigidas pelo afeto de alegria que escreve Spinoza. É tentador para os corações ressentidos imaginar experimentações com o próprio afeto de autora, devido a grande marca da falta que fazem a ferro e fogo quando recém-nascidos, mas seria injusto com a experiência. Em um canto e outro da cidade há sempre o que acontecer e se está vivo, se está atento para perceber, não importa quais limitações corporais vivemos. Você não sabe o que pode um corpo, a célebre frase de Deleuze.

Frase estranha, recalcada por afetos confusos que não sabem ao certo se a entonação é de pergunta ou afirmação. A afirmação e aquilo que nega a vida, a realidade, Deus ou natureza, corpo e alma, de que nos servem as implicações filosóficas que se alastram pelos campos da ciência e da arte?

⁷ Anotações sobre aula de Antropologia do risco, ministradas pelo Prof. David Le Breton, realizada na Université de Strasbourg, França, 2015.

Por aqui, e por enquanto, mostrei um pouco de minha colcha acadêmica e em seguida mostrarei alguns detalhes das costuras.

“Minha pesquisa é como meu sentimento, dirigida para o que é o principal valor da poesia: a vida. A poesia está no coração do homem e é a capacidade de ir em direção à riqueza da natureza.”⁸

⁸ Esta epígrafe destacada pelos comentários da profa.Dra. Renata Lima Aspis na banca de qualificação, tem como frase original: “Minha pesquisa é como meu sentimento, dirigida para o que é o principal valor da vida: a poesia. A poesia está no coração do homem e é a capacidade de ir em direção à riqueza da natureza.” (CORBUSIER, 1933 apud BARATTO, 2014)

Sim, uma pequena pichação foi feita.

2. Acerca do afeto:

“E como a potência humana para refrear os afetos consiste exclusivamente no intelecto, ninguém desfruta, pois, dessa beatitude porque refreou os seus afetos, mas, em vez disso, o poder de refrear os apetites lúbricos⁹ é que provém da própria beatitude. C.Q.D.”

Baruch Spinoza, *Ética*

Diferenciados cortes de quem escreve a obra inacabada, um narrador, uma mulher, uma primeira pessoa, intercalam-se na escrita e oferecem alguma palavra, uma frase, uma marca, uma imagem ao leitor e a esta pesquisa que se propõe a tratar da escrita sobre iconografias urbanas e como a abrangência afetiva se desenvolve nas cidades através delas.

A multiplicidade da reflexão imaginativa de narrativas sobre a cidade constrói com as iconografias os embates entre a rua e a educação, o corpo e o cotidiano, os afetos artísticos e a ética spinozista. Variados personagens frequentemente estão em ações que os colocam fora do condicionamento de leis e condutas precárias dos ambientes que frequentam. Dançar, rir, esbarrar, vislumbram afetos que metamorfoseiam as paisagens urbanas. A variabilidade imagética da cidade em uma experiência literária composta por personagens observadoras e observadas na relação do corpo ao afeto e do afeto à cidade propõe dispositivos ao leitor e à pesquisa.

Um roteiro de ficção pelas aparições de sentimentos cotidianos para trabalhar sobre a definição de afeto conceituado na *Ética* de Spinoza:

“Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.

⁹ Lúbrico: “latim lubricus, -a, -um, escorregadio, liso, incerto, perigoso, enganador, lascivo.” (2013)

Explicação. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então uma ação; em caso contrário, uma paixão.” (SPINOZA, 2009, p.98)

O uso do vocábulo afeto por ser derivado do verbo afetar abrange uma compreensão imanente entre a ação de afetar e o efeito de ser afetado, enquanto que na palavra sentimento, no ato ou efeito de sentir impregna a sensação com camadas da subjetividade que podem prejudicar a liberação do afeto como acontecimento. No entanto, para o que esta pesquisa aposta como potente, não é o uso de uma palavra ou outra que compromete o entendimento da teoria de Spinoza a qual está intrinsecamente ligada à prática e, portanto, uma amostra do que se sente pode servir para comparar como reconhecer distinções do que se vive. Uma pesquisa, sobretudo, no campo da Educação deve ser acessível e aberta ao conhecimento por isso a escolha de trabalhar este conceito.

Como já dito pelo filósofo Gilles Deleuze (2002, p.135), Spinoza é “o mais filósofo dos filósofos, ensina ao filósofo tornar-se não-filósofo”, pois a sabedoria com que escreve a *Ética* demonstra ao seu leitor que a arma mais potente para o ser humano revolucionar a si e ao seu redor é o afeto. O afeto como atributo de qualquer pessoa quando reconhecido pela causa que o provoca e colocado em um encadeamento autônomo, tê-lo sabido torna-se um conhecimento revolucionário de ação, resistência e combate. As afecções que resultam em afetos alegres é o que interessa como presença, afirmação que encadeia a escolha por alegrias, desenvolve a beatitude nos encontros.

O que então intenciona defender esta tese que se pretende aberta e acessível com afetos de personagens fictícios, uma escrita literária e fragmentos imagéticos de muros, paredes?

A invenção da narrativa de um diário deve evocar à pesquisa o exercício artístico para aproximar-se da arte que é relacionada aos grafites e pichações. Se tanto a obra inacabada como o movimento de grafites e pichações efluírem afetos, então é possível obter algum conhecimento das ruas que beneficie as cidades? Como heterogeneidade e contracombate, é que este estudo aproxima-se da

ação de pichadores e grafiteiros para com a ficção fazer a leitura deste movimento na paisagem, sua potência e resistência de cruzar afetos.

“O objetivo da arte, com os meios do material, é arrancar o percepto das percepções do objeto e dos estados de um sujeito percipiente, arrancar o afecto das afecções, *como passagem de um estado a um outro.*” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 217, grifos meus)

A complexificação intencional deve-se ao que parece ser raro da teoria à prática, agir. O ensaio do trabalho com personagens fictícios tem a intenção que a interpretação dos grafites e pichações ganhem um ponto externo à pesquisadora para descentralizar de uma leitura estritamente acadêmica, distorcer limites entre arte e rua, evidenciar os afetos que atravessam ambas e se possível possam ser cartografados na narrativa.

Ináina em perambulações por ruas, pensões, quartos e com os convivas - nome este dado aos que se comunicam por uma potência ativa alegre -, faz de sua profissão uma possibilidade de alcançar e extrair afetos da alcova; ainda que não deixe explícitos os encontros com clientes, ela delineia um erotismo, despe-se não só de roupas mas também de sentimentos como por exemplo o de vergonha em não ceder lugar a uma senhora por um ressentimento que a atravessa (GONÇALVES, 2016, p.61). “O conhecimento sobre o prazer singular entre os prazeres legalizados” (GONÇALVES, 2016, p.26) obtém-se como o solitário aprendizado de inscrições nos muros por caminhos cotidianos as quais dão pistas da decodificação dos afetos como Ina exercita ao passar debaixo da ponte (GONÇALVES, 2016, p.11).

Em a obra inacabada, a teoria spinozista é relevante pelo fato de o “poder de afetar e de ser afetado que também define um corpo na sua individualidade” (DELEUZE, 2002, p.128). Conforme experiências que ganham nos acontecimentos, Ináina e os convivas percebem que persistir por encontros alegres realiza uma imanência que os potencializam e consequentemente os lugares onde estão. Logo, as situações de tristeza como quando Ináina narra-se deitada na cama como se estivesse morta é um momento que a faz reler seus

escritos(GONÇALVES, 2016, p.05-06) para repudiar as relações que diminuem sua potência de conquistar um outro lugar que a fortaleça.

A pretensão aparentemente simples atravança-se com a intervenção de leis, regras e moral que intimidam e tornam fácil a permanência em situações de tristeza apaziguada ou alegria disfarçada. É disso que Inaína quer desvencilhar-se e rebela quando o que percebe nas pichações e grafites levam-na a se interessar pelas artes que conhece na casa de alguns clientes.

Assim a passagem à atividade é uma ideia fictícia que precisa ser forjada. Não há de fato passagem: o que há é um esforço que vai de uma atividade reduzida, porque limitada pelas potências exteriores, a uma atividade expandida, porque determinada antes de tudo pela atividade interna da mente na produção dos afetos. (PAULA, 2010, p.235)

Rua, grafite, pichação são um conjunto de objetos indissociáveis que constituem a cidade hoje em todo o mundo. A prostituição nada mais é que a profissão que convive com tal paisagem, ambas possuem um lado clandestino assim como vivem sobre um afeto censurado. Em paralelo prostituir-se como no discurso informal, submeter-se a condições impróprias de trabalho, assédio moral pela manutenção hierárquica social é necessário serem combatidos pelo sentido do conhecimento e valorização do afeto. O afeto não há como ser ignorado, enfiado em gavetas, restrito às intimidades ou isso pode dificultar o convívio nas cidades e impedir de discutir questões como a violência, o medo e a tristeza que se agravam na sociedade atual.

Ter consciência em resistir pela alegria surte um encadeamento de bons encontros maior do que resistir à subordinação de afetos de tristeza, de opressão, de obrigação, de obedecer, de se desvalorizar, de se vitimizar em prol de um emprego, de uma posição social. Imagens e retratos da contemporaneidade misturam-se e compõem os afetos no vivido em uma tarefa de extrema delicadeza e sensibilidade a qual se deve cuidar a atenção para perpetuar o combate contra ao que desfoca a visão para a liberdade humana, ainda que esta pareça ser de fato um desejo nato.

Cabe a esta tese demonstrar o potencial das iconografias urbanas não somente como subversão ao senso comum, mas também à necessidade de seu surgimento para transmutar os valores de arte ao coletivo. A intensidade do afeto que se tem a partir de muitas delas serve como hipótese de que possa estar nelas um caminho à beatitude de Spinoza, reafirmando a Ética fundamentada nas relações políticas, sociais e econômicas da cidade: “a beatitude não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude; e não a desfrutamos porque refreamos os apetites lúbricos, mas, em vez disso, podemos refrear os apetites lúbricos porque a desfrutamos” (SPINOZA, 2009, p.238)

A partir do estudo realizado sobre a filosofia spinozista esta pesquisa elabora sobre a arte a seguinte definição: entre seres humanos a composição é similar, entre um ser humano e uma pepita de ouro a composição é diferente. Com o ouro o ser humano criou armas, tecnologias e suas propriedades por serem diferentes do cobre e da prata assim como sua predominância na natureza atribui-se um valor ao ouro maior do que aos outros metais. A arte extrai o afeto das afecções que são tão escassas quanto o ouro, por isso um bem de grande valor e que dificilmente muda dentro de um sistema financeiro.

O ouro enriquece o homem para que compre e acesse obras de arte, armas, tecnologias que mantêm seu dono menos afetado por riscos, aumenta sua invulnerabilidade diante daquele que não dispõe das mesmas riquezas e está sob as mesmas condições naturais. No entanto, o “despossuído” de riquezas possui a sabedoria de remanejar afetos como se aprende com as artes conseguirá manter-se alegre e capaz de ser mais eterno que o outro.

Sem pensar sobre a distinção de classe social, qual o valor do ser humano se são corpos iguais? Assim como a mesma quantidade de ouro e com os mesmos adornos se faz uma faca ou se faz um garfo, o valor varia pela utilidade, necessidade no encontro com uma carne ou com uma azeitona. O ser humano sem armas, sem tecnologia, varia pela sua potência de existir que se dá pelo corpo e sua habilidade física, adaptação à ambiência climática natural e principalmente pelo conhecimento.

O conhecimento só se dá por afetos de alegria seja com um livro, com uma música, com um professor, com amigos, com a família. Quando pensado para muitos corpos como em uma cidade, a arte, compreendida como passagem de uma potência menor a uma maior que empenha o artista a eternizar tintas e

pinceladas, é um bem que como o ouro tem suas propriedades de dureza e liga que lhe permitirem um valor estável. O ouro, apesar de suas propriedades, não é uma necessidade a qual nos é vital tanto quanto é a arte, e por isso grafites e pichações nas ruas surgem necessariamente para manter as potências de existir do convívio. A arte é o conhecimento em que se aloja a passagem do afeto; é um bem que deve ser coletivo.

O diálogo e as conversações, que as inscrições urbanas derivam entre os convivas, expandem ações políticas e efetivas úteis às cidades detidas em inércias conservadoras mantidas pelo poder Status¹⁰. Até mesmo quando se encontra pichações preconceituosas a ação contra as que as fazem é imediata. De momentos tristes a alegres, Inaína quer fazer de suas afecções diárias afetos que a permitam agir. Dos ambientes em que vive e do pouco dinheiro que ganha, coloca-se a efetuar o que Guattari anunciou:

“Maio de 68 nos ensinou a ler sobre os muros e, depois, começamos a decifrar os grafites nas prisões, nos asilos e hoje nos banheiros. É todo um “novo espírito científico” que está por ser feito (...)” (GUATTARI, 1973, p. 2-3.)

Pelo fora, pelas tripas, quais afetos se dão com as instituições, pois afinal referem-se a elas as intervenções de pichações com vontade de mudança em governar as cidades. Os aglomerados de imagens na paisagem urbana são relevantes ao traçar caminhos das iconografias necessárias, dos acontecimentos extravasados. São os grafites e pichações, o movimento de uma grande pincelada nas cidades, a expansão do rastro de nômades e suas máquinas de guerra de reterritorializar a potência dos inconformados, deformados, incaláveis na presença da continuidade de letras visíveis e tortas, inventadas pelo fora do que foi instituído. Uma nova escrita, novas trilhas que impulsionem a independência de um status.

¹⁰ Prefiro usar na narrativa a palavra “status” que possui significado mais abrangente que a palavra Estado no sentido de hierarquização. Essas e outras palavras foram utilizadas em variação como forma de desfocar a linguagem acadêmica e tentar multiplicar as interpretações da narrativa.

Os questionamentos sobre as iconografias urbanas devem se compor com os fluxos e conexões às estruturas das cidades. Frases, palavras, cores, formas, depositam-se como complexa projeção de afetos a se interpelarem por velocidades poéticas e tais experimentos se observados podem afetar o passeante e torná-los convivas¹¹?

A transformação de um afeto em força que favorece potências extensivas e intensivas na cidade não é tarefa simples, já que os inúmeros afetos estão envoltos de amarras sociais, morais e psicológicas, bem como denunciou Spinoza. O necessário engendramento do minucioso conhecimento sobre os afetos serve para distinguir e isolá-los de tais prisões ou paixões como enunciadas na Ética.

Os afetos são manipulados pelos desejos que são vontades que variam de acordo com os estados de um corpo ao exprimir seu estado bruto, sensação e acontecimento, corpo em efervescência de ação, tão potente que o impossível é estabelecer um ideal de perfeição. Confrontemos:

“Poderá, entretanto, facilmente livrar-se desses preconceitos quem estiver atento à natureza do pensamento, o qual não envolve, de nenhuma maneira, o conceito de extensão e, portanto, compreenderá claramente que a ideia (por ser um modo do pensar) não consiste nem na imagem de uma coisa, nem em palavras. Pois a essência das palavras e das imagens é constituída exclusivamente de movimentos corporais, os quais não envolvem, de nenhuma maneira o conceito do pensamento. Sobre tal tema são suficientes essas breves advertências.” (SPINOZA, 2009, p. 90)

Age pelo que sabe e não por algo preestabelecido, varia quando não sabe porque se permite não ter ideal e mesmo quando em subterrâneos ocupa, em segregação ocupa, em proibição ocupa com vontade, adrenalina e faz do afeto do pichador um traço a refrear imposições hierárquicas, desordenar outras

¹¹ Conviva foi a alternativa para a palavra cidadão e para referenciar-se àqueles que estão em convívio, possuem a potência de viver com outros em boa relação. Intenta-se subentender com o uso deste vocábulo que a potência do indivíduo e da cidade está no convívio e portanto em ação um em relação ao outro.

relações do pensamento-cidade e hackear. “Se a filosofia é maker, a metodologia é hacker” (informação verbal)¹².

É maker viver e fazer o corpo sentir, poetizar. A personagem Inaína como as cidades servem como experiência de não subjetividade para que a pesquisa possa ensaiar como o afeto compõe-se e expande a capacidade de agir conforme mais afetos alegres busca se viver. Quanto mais pode se expressar, reação, criar designs de relação como os cartazes criam, as tags criam, pequenas, macro perceptíveis e se jogadas a uma escala menor, microperceptíveis, torna-se não em relação a manipular, muito ao contrário, coletiva.

“Essa doutrina é útil para a vida social, à medida que ensina a ninguém odiar, desprezar, ridicularizar, invejar, nem com ninguém irritar-se.” (SPINOZA, 2009, p.94), afinal o que está em convívio afeta-se pelo cotidiano pois tem um corpo, ainda que se aparenta estar anestesiado. Assim, a ação de pichadores e grafiteiros trouxe à paisagem urbana uma contribuição àquele cidadão que não mais acredita na instituição, não acredita naquilo que é intocável a exemplo de obras de arte no museu.

“(…) é possível que objetem que a experiência parece ensinar, mais claramente do que tudo, que podemos suspender nosso juízo para não dar nosso assentimento a coisas que não percebemos, o que seria confirmado por não se dizer que alguém se engana enquanto percebe algo, mas apenas enquanto assente ou dissente. Quem, por exemplo, inventa um cavalo alado, não admite, com isso, que exista um cavalo alado, isto é, não admite, com isso, que exista um cavalo alado, isto é, não se engana, a não ser que, ao mesmo tempo, admita que existe um cavalo alado. O que a experiência pareceria, pois, nos ensinar, mais claramente do que tudo, é que a vontade, ou seja, a faculdade de assentir, é livre e diferente da faculdade de compreender.” (SPINOZA, 2009, p. 91)

¹² Anotações de aula ministrada pelo Prof.Dr Dorival Campos Rossi, na Unesp-Campus Bauru, sobre filosofia maker, em 07/01/2016.

A potência está aí e precisa ser usada. *Maker, enjoy*, antes de serem cooptadas. A cooptação da pichação acontece quando inevitável torna-se admiração, não necessariamente pelas visíveis garras institucionais, mas armadilhas da própria concatenação de ideias, de admirar a arte no museu. O pichador não está distraído, assim como a arte não está para ser admirada.

“Quanto mais alegres forem esses encontros, mais eu tenho oportunidade de acionar uma paixão no sentido de uma atividade. Então, eu recupero aquilo que é importante, que é a potência de agir e não apenas de ser paciente. Essa potência de agir se espalha como potência de pensar, como potência de sentir e de me engrenar com virtualizações que me levem a compor, nesses encontros, um terceiro indivíduo que seja mais potente que eu mesmo.” (ORLANDI, 2009b)

Complementa uma de minhas interlocutoras de Spinoza, em uma conversa: “o momento de distração é motivado pela tristeza e o da alegria é a interação. A interação permite que você se abra e entre em contato com o objeto que você vai conhecer.” (informação verbal)¹³. Conexão da pichação com relacionar, amar, interferir com ações poéticas para expressar composição, relatos de interfaces, movimento que cria sua própria duração¹⁴, ou seja, o efeito de um estado atual de afecção. Encontros que geram atração ou repulsa formas de expressão que correspondem aos três gêneros de conhecimento: “Signos ou afectos; as noções ou conceitos; as Essências ou perceptos.” (DELEUZE, 1997, p.156). Afectos escapam por linhas de fuga fazendo o mundo fugir, desrepresentando os lugares, as pessoas, desfazendo campos sociais como para o artista que não espera e de repente tudo muda, como se a intensidade da vida esteja para todos os encontros e corpos em infinita transmutação.

¹³ Elocução de raciocínio com Laura Mendes, 2016.

¹⁴ “As figuras retratadas nos quadros de Vermeer não narram acontecimentos, mas exprimem a eternidade. (...) E se não narra acontecimentos, nem por isso Vermeer figura naturezas mortas congeladas no tempo (como se tal fosse possível) (...) O leite sendo derramado é um ‘transcurso’, é duração eterna ou um ‘demorado agora’ no todo da eternidade.” (PAULA, 2012, p.193-194)

Praticar a filosofia spinozana revela um mundo no qual é livre quem age pela determinação de agir por si só, não por uma causa exterior, e sim pela necessidade de sua própria natureza. É a sabedoria uma meditação à vida e não à morte, e com ela é “você próprio que terá de encontrar algo que desperte teu corpo vibrátil, algo que funcione como uma espécie de *fator de a(fe)tivação* em tua existência.” (ROLNIK, 1989, p.35)

2.1 – Afehto

Descobrir o afehto, a conjunção do afecto em Deleuze e Guattari e do afeto em Spinoza:

“No pensamento contemporâneo, Michel Guérin é um daqueles que descobrem mais profundamente a existência de personagens conceituais no coração da filosofia; mas ele os define num "logodrama" ou numa "figurologia" que põe o afecto no pensamento. E que o conceito como tal pode ser conceito de afecto, tanto quanto o afecto, afecto de conceito. O plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro, a tal ponto que certas extensões de um sejam ocupadas por entidades do outro. Em cada caso, com efeito, o plano e o que o ocupa são como duas partes relativamente distintas, relativamente heterogêneas. Um pensador pode portanto modificar de maneira decisiva o que significa pensar, traçar uma nova imagem do pensamento, instaurar um novo plano de imanência, mas, em lugar de criar novos conceitos que o ocupam, ele o povoa com outras instâncias, outras entidades, poéticas, romanescas, ou mesmo pictóricas ou musicais. E o inverso também. Igitur é precisamente um desses casos, personagem conceituai transportado sobre o plano de composição, figura estética transportada sobre um plano de imanência: seu nome próprio e uma conjunção. Esses pensadores são filósofos "pela metade", mas são também bem mais que filósofos, embora não sejam sábios. Que força nestas obras com pés desequilibrados, Holderlin, Kleist, Rimbaud, Mallarmé, Kafka, Michaux, Pessoa, Artaud, muitos romancistas ingleses e americanos,

de Melville a Lawrence ou Miller, nos quais o leitor descobre com admiração que escreveram o romance do espinosismo... Certamente, eles não fazem uma síntese de arte e de filosofia. Eles bifurcam e não param de bifurcar. São gênios híbridos, que não apagam a diferença de natureza, nem a ultrapassam, mas, ao contrário, empenham todos os recursos de seu "atletismo" para instalar-se na própria diferença, acrobatas esquartejados num malabarismo perpétuo." (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 89-90)

Se equiparmos o afecto de Deleuze e Guattari (1992, p. 211) ao afecto de Spinoza relacionando-o à arte, a tese supõe que o que possa se dar no encontro da beatitude, do amor intelectual a Deus é da ordem do aventurar-se pela alegria, ao invés de ocupar e reforçar sistemas de controle, filas de reclamação, afecções contra a possibilidade do convívio, paixões que emperrem o arquitetural das relações, e portanto, invista-se que a tal Felicidade, seja de Felicidade do latim Felicitas, "Felicidade" de Felix, "feliz" de um verbo grego Phyo, "produzir" que faz a conotação de "fecundo", "produtivo".

Na ética spinozana, sensibilidade e atenção permitem saberes que distinguem o afecto da paixão, combatem a corrosão do afecto pela tristeza com a felicidade dos convivas. Ação, substanciar, bifurcar, hibridizar no plano dos afectos com apoio do pictórico do grafite e da pichação, fragmentos de iconografias tecnológicas educadoras. Há o cineasta e ator francês, Abel Gance, que compara o cinema com os hieróglifos:

"Nous voilà, par un prodigieux retour en arrière, revenus sur le plan d'expression des Egyptiens... Le langage des images n'est pas encore au point parce que nos yeux ne sont pas encore faits pour elles. Il n'y a pas encore assez de respect, et culte, pour ce qu'elles expriment." (BENJAMIN, 1955, p.05)

O afecto de iconografias que se movem como tecnologia de exercer a potência do intelecto. Expressível no lugar, insistente, acolhida na lei, concreto e entre

montanhas de ideias. Atingir o corpo da obra de arte por uma pulsão entre o duelo de egos arquiteturais de relações que levam Inaína despretenciosa procurar nas bibliotecas, nos bares, atuação de sua persona que faz de sua pele no jogo sua imagem-pensamento. Encontros desafinados de um jazz que faz as distorções alimentarem as piores paixões e depois deixam sair do movimento de turbulências, ritornelos, impactos e explosões de notas, afecção que resiste às voltas musicais de um instrumento até lançar o ouvinte na ambiência da música Clair de Lune de Claude-Achille Debussy (1862-1918) - poesia para ouvir-se mais de um milhão vezes -, e, bem vinda, reapresenta-se em composição com Kamasi Washington (1981).

Afetos em Spinoza são as ideias das afecções, de tudo o que faz sentir para querer aproximar o conceito de afeto ao de afecto em Deleuze e Guattari. De modo simplificado, é como fazer do afeto spinozano r-existir somente o afeto de beatitude e liberdade do afecto de Deleuze e Guattari. Fazer o afeto diferenciar-se da paixão e se destacar de sentimentos referidos ao corpo como espécies de alegria e tristeza: inveja, ódio, gáudio, ciúmes, comiseração, pavor, temor, cortesia.

A primeira luz do projeto de tese é observar discussões que tratem do uso, a expressão de sentimentos, das paixões que envolvem e envelopam o afeto em relações que estabelecem reuniões, famílias, discussões de trabalho, encontros em catracas, nos pontos de ônibus, museus, condomínios privados, ruas, casas, rádio e cama. Inventar sem saber o que é liberdade, sem ultrapassar a diferença de natureza, vida alegre sem impedir percursos que as pazes podem ter. Inventá-lo, apenas como obra inacabada.

“A beatitude (glória), que é a virtude em si mesma, se constitui na afirmação da potência de composição e de organização dos corpos no processo de resistência que cada ser opõe ao que pode tirar sua existência.” (GOMES; JUNIOR, 2013, p.43)

E o que é esta existência? É composição em organização de corpos por um trabalho de sensação de que não se faz só pela técnica e “que é próprio da arte passar pelo finito para reencontrar, restituir o infinito” (DELEUZE; GUATTARI,

1992, p.253), resistir na virtude, desabrochar que se faz no percurso e afirmação dos encontros alegres. O afehto é o salto da paixão à ação, é o movimento que se coloca sobre si, combate e risco entre paixões para surtir delas uma alegria que se salve, resista para fundar uma potência que independa do que lhe é externo.

“Por isso é tão difícil convencer os homens de que o capitalismo não é a melhor maneira de exercemos nossa existência: por um lado, é como se eles não quisessem superá-lo em favor de um outro modo de vida; mas, por outro lado, é como se já não o pudessem, enredado que estão nas malhas do sistema passional de produção e consumo dos bens perecíveis da fortuna.

Contudo, nós sabemos (pelo menos desde os antigos) que a felicidade real e duradoura não pode estar no gozo desses bens perecíveis de fortuna. Com, Spinoza, ficamos sabendo que viver apenas sob o gozo de tais bens implica que o que se produz em nós ou fora de nós não pode ser conhecido só por nossa própria natureza, isto é, não somos causas adequadas das nossas ações; somos apenas causa parcial delas e, portanto, somos passivos e não ativos (E III, def. 1 e 2). E isso implica heteronímia, em vez de autonomia; servidão em vez de liberdade; tristeza em vez de felicidade.” (PAULA, 2009, p.146)

A potência do afehto projeta-se em si.

03 -----Problematização do afeto

Errante?

Como obras de arte valorizam-se nos museus, pichações e grafites têm alcançado um valor de exposição nas cidades. No museu venera-se por uma composição de afectos, ou seja, “não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.213). A obra de arte inatacável que imprevisivelmente ataca, ativa como alegria de uma afecção, estende uma força do vivido, atravessa estratos políticos, mitos sociais, hierárquicos, territoriais, constitucionais, disciplinares.

O aprendizado, que se mescla com territórios e são reterritorializados com o bando, é como Luis B. L. Orlandi (2012) descreve o livro de Zourabichvili sobre Gilles Deleuze, “uma ‘estranha filosofia’, estranha porque plena de ‘nomadismo’”. É com esta ideia de varibilidade que se aplica o exercício ético em *Obra inacabada*, que se projeta com a descolagem de pontos de vista e proporciona uma escrita literária com fugas que deslumbrem a descoberta do afeto pela obra de arte.

“É no âmbito de nossas relações afetivas que há a possibilidade de nos descobrirmos como causas adequadas de nossos apetites e ideias. Ou seja, é através de nossos próprios afetos que podemos nos tornar causa adequada de nossos apetites e desejos, fortalecendo nosso conatus.” (GOMES; JUNIOR, 2013, p.41)

A repetição de letras traçadas por spray em muros, a repetição de siglas e o corpo em dever e hábito como nas performances de Pina Bausch (1940-2009), coloca esta pesquisa impulsionada intelectualmente pelas miscigenações do mestrado, com a cena da pichação e do grafite movimentando as cidades pelo crescimento do número de trabalhos, debates, produções de filmes, web sites, páginas em redes sociais, reportagens, entrevistas, exposições de pichadores e grafiteiros, individuais ou coletivas, fazem desta conjunção pela paisagem um

exemplar a estudar-se como conjunto composto de imagem variável por “invenção do estilo de pensamento”, como sugere Christine Buci-Gluksmann(2005).

A estilística do pensamento em Buci-Gluksmann é também política como as pichações e os grafites tendem a ser; e estes por sua vez são escritas com estilo, o que para Deleuze e Guattari cria-se pelo escritor que retira os afectos do vivido. Há um afeito que Inaína retira das ruas para poder hackear sua narrativa e que quanto mais a imaginação se dá com o pensamento, o afeito territorializa Inaína em lugares que ela frequenta, seja inclusive a imaginação do leitor.

O exercício do escritor que não se encerra no livro, do pichador que não se encerra em uma pichação, do educador que não se encerra em uma aula, da alegria que não se encerra em um só corpo.

Cidades possuem pichações, umas mais, outras menos. A reconhecimento de tais rabiscos e seu movimento perfurador de limites, e pelo outro lado do pertencimento, das iconografias em concorrência diária com publicidades e tombamentos históricos, abre extensões à personagem que reconhece outros limites e caminhos dispostos nas cidades.

“- Assim como o corpo – respondiam os doutos – assimila e retém as diversas diferenças vividas durante as viagens e volta para casa mestiçado de novos gestos e de novos costumes, fundidos nas suas atitudes e funções a ponto de fazê-lo acreditar que nada mudou para ele, também o milagre laico da tolerância, da neutralidade indulgente, acolhe na paz, todas as aprendizagens, para delas fazer brotar a liberdade de invenção e, portanto, de pensamento.” (SERRES, 1993, p. 1-5).

Quando estiverem todos cegos, gentilmente o ataque hacker se dá por um convite a ocuparem uma biblioteca. Convite que se dá ao ódio que se intervala de um sistema a outro, desconhecendo os fluxos, impõe más estratégias, julgamentos fúteis, retaguardas impulsivas. Portanto o afeito da pixação, e então se referindo aos pixadores de São Paulo, estabelece um convívio ao olhar selvagem das cidades. A afecção de quem foge da polícia é o afeito a quem

pretende não estar só passivo às ações cotidianas do presente, de poder estar ativo.

3.1 - *Permanência no afeito, ideia de pertencimento.*

“Torna-se, com isso, evidente o quanto vale o sábio e o quanto ele é superior ao ignorante, que se deixa levar apenas pelo apetite lúbrico. Pois o ignorante, além de ser agitado, de muitas maneiras, pelas causas exteriores, e de nunca gozar da verdadeira satisfação do ânimo, vive, ainda, quase incosciente de si mesmo, de Deus e das coisas, e tão logo deixa de padecer, deixa também de ser. Por outro lado, o sábio enquanto considerado como tal, dificilmente tem o ânimo perturbado. Em vez disso, consciente de si mesmo, de Deus e das coisas, em virtude de uma certa necessidade eterna, nunca deixa de ser, mas desfruta, sempre, da verdadeira satisfação do ânimo.”

Baruch Spinoza, *Ética*.

Vendedora, sedutora, dançarina, desequilibrada, ativa em impulso com músicas, uma mulher na prostituição, prestes a anulá-la, nasce para questionar conflitos da cidade através de redes públicas, agenciamentos populares, corpo revolucionário. O olhar e uma sensibilidade pela escrita que se guiam pela ética spinozana:

“útil à vida social, à medida que ensina a ninguém odiar, desprezar, ridicularizar, invejar, nem com ninguém irritar-se. É útil, ainda, à medida que ensina cada um a se contentar com o que tem e a auxiliar o próximo, não por uma misericórdia *feminil*, nem por favor, ou por superstição, mas exclusivamente pelo governo da razão, ou seja, em acordo com aquilo que a ocasião e as circunstâncias exigirem (...)” (SPINOZA, 2009, p. 94, grifo meu)

Vestir-se com as roupas e as armas de Jorge, saias rodadas, calças rasgadas fazem das personagens de obra inacabada, gente vestida de pedaços de costume e Inaína pelo o que a mais potencializa na cidade, o que a permite treinar, permanecer no afeito de uma vida. Veste e mistura-se às singularidades casuais, que vem dos bandos, reconhecem-se além das placas, do bem e do mal, apenas porque perseguem a beatitude, um processo, uma ética.

“Assim, essa doutrina, além de tornar nosso espírito inteiramente tranquilo, também nos ensina em que consiste nossa suprema felicidade, ou seja, nossa beatitude: unicamente no conhecimento de Deus, pelo qual somos induzidos a realizar apenas aquelas ações que o amor e a generosidade nos aconselham.” (SPINOZA, 2009, p.94)

Como se conclui no prefácio da quarta parte intitulada, “A servidão humana ou a força dos afetos”, as relações que se buscam na narrativa e na prática de educações, arquiteturas, políticas, subjetividades, “seja ela mais perfeita ou menos perfeita, sempre poderá perseverar no existir, com a mesma força com que começa a existir, razão pela qual, sob esse aspecto, todas as coisas são iguais.” (SPINOZA, 2009, p. 158). Isto é parte do princípio de que a imaginação que se aplica pela ação do corpo se faz afirmativa com o conhecimento dos afetos, a começar sobre a triste burrice sentimental do senso que submete regras para controlar a ordem.

Levar em consideração o afecto conceituado por Deleuze e Guattari, é considerar que a escrita não se faz antes da imaginação, o espaço não se fez antes do afeto de imaginar, que a alegria não se faz de fascismos. A permanência é efeito de equilíbrio, então não há afeto de alegria que prejudique o outro corpo envolvido, há conjugação e composição conforme esses se compõem ativamente.

Trata-se de narrativas que extraem afeito, assim como um projeto torna-se casa, uma ideia torna-se ficção, um mito realiza um cotidiano. Quanto mais se conhece, mais enriquece a imaginação de diminuir o delay da intuição enquanto enchem os lugares de clichês, sem deixar manias a serem combatidas; estão

proibidas, cooptadas. O controle do olhar, o comando de dinâmicas afetivas, como escapar deste caos de interações, paixões. A regulamentação a partir da moral separou o certo do errado e agora os corpos em relação não mais possuem vontade, decisão de ação.

Não mais será eficiente ser bonito, como nunca foi. Será ainda mais eficiente ser sedutor, mas não será suficiente, A tristeza é inevitável até o ponto de ser necessária, e não de forçá-la. Quais relações sustentam os loucos, os estranhos, os músicos? Quais relações de composição busca o corpo que descobre o afeto de alegria?

Os paranoicos do sucesso serão os primeiros a serem eliminados, os complexos de beleza serão banidos, as relações de interesse continuarão e as de desajustes terão outros fins. A tecnologia surfada por números binários, conexões sociais de projetos e superfícies de estranhamento. Efetuações contrapõem-se à vã filosofia da comunicação: “se esgota na procura de uma opinião universal liberal como consenso, sob o qual encontramos as percepções e afecções cínicas do capitalista em pessoa.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.191)

Não são dois amigos que se exercem em pensar, e o pensamento que exige que o pensador seja um amigo, para que o pensamento seja partilhado em si mesmo e possa se exercer. É o pensamento mesmo que exige esta partilha de pensamento entre amigos. Não são mais determinações empíricas, psicológicas e sociais, ainda menos abstrações, mas intercessores, cristais ou germes do pensamento. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.92-93)

As tecnologias se afetam,

“A TAZ concorda com os hackers porque deseja - em parte – ganha existência através da net, e até mesmo através da mediação da net. Mas ela também concorda com os partidários do ambientalismo porque possui uma intensa percepção de si mesma como corpo e

sente nojo da cibergnose, a tentativa de transcender o corpo através da instantaneidade e da simulação. A TAZ tende a condenar a dicotomia entre tecnologia e antitecnologia como um equívoco: como é um equívoco a maioria das dicotomias, onde opostos aparentes acabam se revelando falsificações ou mesmo alucinações provocadas pela semântica. Essa é uma forma de dizer que a TAZ quer viver neste mundo, não na ideia de outro mundo, um mundo visionário qualquer nascido de uma falsa unificação (todo verde OU todo metal), que só pode ser mais um castelo nas nuvens (ou, como disse Alice, "Geléia ontem ou geléia amanhã, mas jamais geléia hoje")." (BEY, 2004, p.35)

Afetos e espaço de convivência; o corpo se entende por aquilo com que interage alternando relações desnecessárias, desgastantes, lustro-danosas, na ebulição do recreio, na aula de Ciências, Educação Moral e Cívica, na natural capacidade de agir. Rabiscos, camadas compostas de forças traçadas pelo gestos com a sensibilidade de um jato de spray, da letra a se desenhar, da frase a se compor com o meio e a intensidade que possa vibrar ética, vibrar outros convivas.

A princípio, desassociados de instituições, o conjunto de grafites e pichações¹⁵, potencialmente despertam questionamentos aos passantes, seja pela ideia de crime¹⁶ em relação à violação do patrimônio público, portanto, como subversão,

¹⁵ A palavra pichação pode também ser encontrada na escrita com "X". Neste caso refere-se a uma caracterização da grafia praticada nas pichações de São Paulo, em que as letras são pontiagudas. No Rio de Janeiro, por exemplo, a pichação é nomeada como "charpi", que seria a inversão de sílabas da palavra pichar, e neste caso, possui uma tipografia arredondada.

Neste estudo, para abarcar a pichação como um movimento maior e global, manteve-se a escrita formal do dicionário.

¹⁶ É crime contra o meio ambiente, regulamentado na Lei 9.605/98 que foi alterada em 2012 considerando a questão da autorização do proprietário. Art. 65. Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011) Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa. (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011) § 1º Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa. (Renumerado do parágrafo único pela Lei nº 12.408, de 2011) § 2º Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio

ou, seja visto pela marca constante nas ruas a alcançar cartões postais históricos, a ilegalidade misturada a expansão de afetos, uma nova territorialização da arte.

Partículas em agitação, drunks molotovs distribuídos nas áreas de ação, fantasia ao invés de ilusão, dispersão ao invés de concentração, ilhas sendo ocupadas, psicodelias de culturas estranhas, novos chamados que combatem os afetos tristes e confusos. Relações de plasticidade, amalgabilidade entre os corpos, convívios que se expandem pela amabilidade e não mais da assepsia, ou da impulsividade.

público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional. (Incluído pela Lei nº 12.408, de 2011)

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9605.htm Acesso em: 19/06/2016.

Foto 3.2 - Ayyam Galery_Tammam Azzam – Síria.



Fonte: <http://www.ayyamgallery.com/artists/tammam-azzam/images/6> Acesso em: 22/06/2016

Foto 3.3 - TARS_Monalisa funkeira.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/322711129518563336/> Acesso em:
22/06/2016

Foto 3.4 - grafite do NUNCA, São Paulo, 2004.



Fonte: <https://listenrecovery.wordpress.com/2009/05/23/nunca-arte-universal-from-sao-paulo-br-photos-by-nunca/> Acesso em: 22/06/2016

Foto 3.5 - Pixação.



Fonte: <http://subsoloart.com/blog/2013/02/entrevista-com-o-fotografo-leandro-mantovani/> Acesso em: 22/06/2016

Foto 3.6 - Escada rolante metrô Pyrenees, Paris, 2015 .



Fonte: autoria própria, 2015.

Foto 3.7: Foska doidera_Dia de Natal, 2013.



Fonte:

<https://www.facebook.com/foskadoidera/photos/a.711459342258321.1073741829.709083672495888/718167851587470/?type=3&theater>

Acesso em:

22/06/2016

Foto 3.8: Intedição do andar onde trabalhavam prostitutas em prédio de Niterói – R.J., 2014.



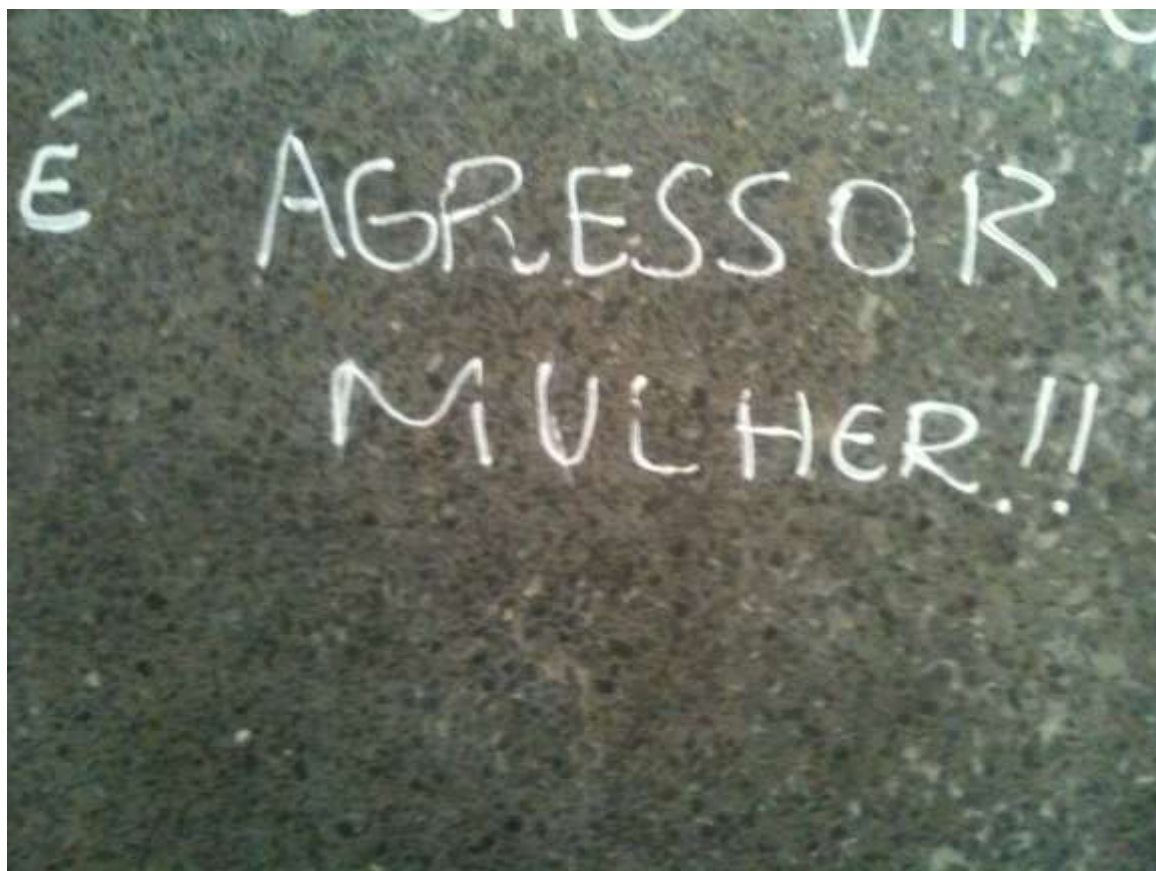
Fonte: Laura Murray, 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/Um-Beijo-para-Gabriela-344616068946147/> Acesso em: 21/06/2016.

Foto 3.9: Damas da noite, Campinas, 2014.



Fonte: autoria própria, Campinas - 2014.

Foto 3.10: Pixação denúncia em banheiro feminino, Unicamp – Campinas, 2014.



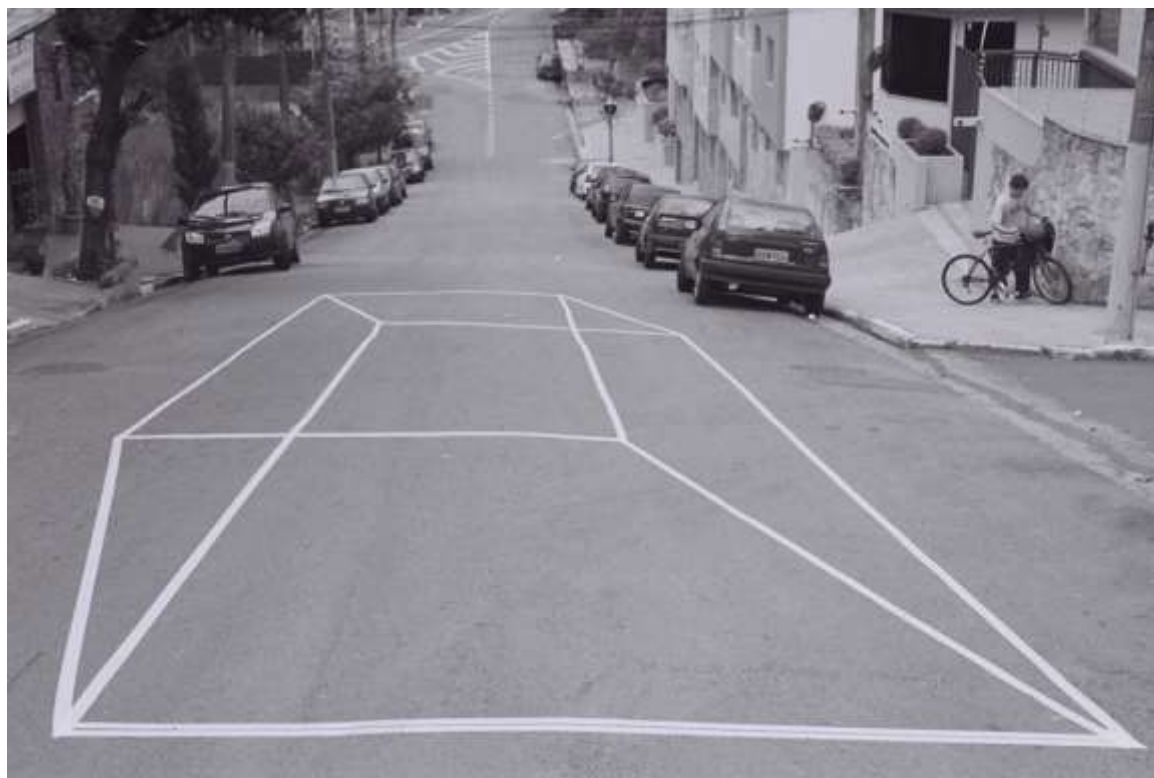
Fonte: autoria própria, Campinas – 2014.

Foto 3.11: Vila Pompéia, São Paulo, 2013.



Fonte: autoria própria, São Paulo - 2013.

Foto 3.12: Zero ao cubo_São Paulo.



Fonte: Juliana Lamare e Rafael Luvisetto.

Foto 3.13: Teatro Galpão, Bauru – S.P, 2001.



Fonte: autoria própria, Bauru – S.P., 2001.

Foto 3.14: dance, pixação em banheiro feminino, Unicamp – Campinas, 2014.



Fonte: autoria própria, Campinas – S.P., 2014.

Foto 3.15: pixação Campinas (RIGOR), 2013.



Fonte: autoria própria, Campinas – S.P., 2013.

Foto 3.16: grafite em Lençóis, BA, 2007.



Fonte: autoria própria, Lençóis – BA, 2007.

Foto 3.17: Sergio Yuppie (skate).



Fonte: Concrete wave magazine.

Foto 3.17: São Paulo, 2014.



Fonte: Adriel Visoto, 2014.

04. Projeto: a cidade como um corpo:

“Vemos, assim, em que proporção um indivíduo composto pode ser afetado de muitas maneiras, conservando, apesar disso, sua natureza. Até agora, entretanto, concebemos um indivíduo que se compõe tão-somente de corpos que se distinguem entre si apenas pelo movimento e pelo repouso, pela velocidade e pela lentidão, isto é, que se compõe de corpos mais simples. Se, agora, concebemos um outro indivíduo, composto de vários indivíduos de natureza diferente, veremos que também ele pode ser afetado de muitas outras maneiras, conservando, apesar disso, sua natureza. Pois, como cada uma de suas partes compõem-se de vários corpos, cada uma delas poderá, portanto, sem qualquer mudança de sua natureza, mover-se ora mais lentamente, ora mais velozmente e, como consequência, transmitir seus movimentos às outras partes, ora mais lentamente, ora mais velozmente. Se concebemos, além disso, um terceiro gênero de indivíduos do segundo gênero, veremos que também ele pode ser afetado de muitas outras maneiras, sem qualquer mudança de forma. E se continuamos assim, até o infinito, conceberemos facilmente que a natureza inteira é um só indivíduo, cujas partes, isto é, todos os corpos, variam de infinitas maneiras, sem qualquer mudança do indivíduo inteiro.”

Baruch Spinoza, *Ética*.

Como um projeto arquitetônico, que é o desenho de uma ambiência considerando a interrelação das coisas com o espaço. Arquitetura, a primeira das artes; a primeira obra de arte se faz quando um entre se dá ao engendrar relações entre as coisas. A performance de momentos, corpos e imagens formam um projeto arquitetônico.

O acaso e o acontecimento que se excluem do momento e da imagem, estão inclusos nos corpos; por isso arquitetura é arte, ou seja, fundamentalmente dinâmica.

A arquitetura como outras artes que expressam o inenarrável, a sensação, a infinitude; é como a beatitude, em encontro de corpos no qual se dá a alegria, havendo sempre a liberdade. Um projeto de arquitetura que atinge seu status de arte é aquele que permite entrar e sair, transformar-se; a sensação de pertencimento do corpo é de equilíbrio, equilibra capacidades dos corpos. Uma arquitetura não serve para encaixotar classificações, pois a principal regra é preservar o espaço, uma invaliável matéria prima.

Sobre caixas e engavetamentos, um projeto arquitetônico não serve para restringir acessos e sim permitir que fluxos se dissolvam e se recomponham com outros acessos e corpos existentes, portanto há sempre que preocupar-se com as tecnologias que realizam funcionamentos e as limitações dos corpos, para que se deixe sempre uma passagem às novas adaptações, transformações e principalmente para deixar livre a criatividade que os forma.

Logo, o projeto de um corpo-cidade se esboça com outros conceitos que se articulam com o afeto, como se esplan a seguir:

Apêndice 1: Cidade, corpo?

Uma das ideias que trazem para a tese algumas dimensões do corpo aglutina-se com que escreve David Le Breton (2003, p.141) “o corpo deixa de ser o lugar do sujeito e torna-se um objeto do seu ambiente”, este se perde muitas vezes e só reage quando percebe que há de reagir a si mesmo, corpo no corpo e simultaneamente com outros corpos.

Assim, neste apêndice se apresenta um corpo-cidade que possa ser pensado a partir do que potencializa habitantes e visitantes em coletivo não instituído, ao interverter potências entre eles.

Apoiando-se na invenção de uma personagem a fazer o percurso pela Ética, de que com a alegria se dá o encontro com a beatitude, o diário de Inaína, um escrito experimental desprendido do que está por vir, busca o pertencimento da

escrita pelas conviviabilidades que a história e os personagens encontram. Assim é um corpo-cidade, que como arte expressa o aprendizado de conectar, pelo trânsito, janela, portas, preço, placas, respiração e cotidiano.

Perguntas ensaiam o percurso de uma cartografia poética por iconografias em muros, paredes, portas e calçadas, consideradas imagens artísticas para uma escala que não a do museu, da moldura, climatizada, emplacada, e sim de exposição, repetição que se faz ao ar livre, aglomerada, efêmera, dissipada, reterritorializada para o corpo-cidade. No caso do grafite e da pichação que são observados por Ináina, eles envolvem-na no desejo de ser artista e desatá-la das paixões do corpo e das ruas.

Do inicial sentimento de vergonha por assumir flertar em troca do valor da conta de luz, as iconografias auxiliam-na a verificar aberturas que a propiciem fluidez de seu corpo com a cidade. Bem ou mal, belo ou feio, pichações e grafites espalhados pelos muros não se deixam ladear pela postura do senso comum do que é certo, errado, e sim instalam-se para desestabilizar o que é fronteiro. Inscritos em grandes telas populares se expandem cada vez mais e experimentam o poder de afetar ao soerguerem percepções na ilusória imagética urbana.

Afetados pela vida, pelas cidades, os protagonistas desta expansão de iconografias urbanas vivem o risco de serem punidos pela lei e no deslize da escalada. A pichação, diferente dos bons costumes e caligrafias que se aprendem na escola está por todas as partes e junto com o grafite expressam os afeitos nas superfícies do corpo-cidade como tatuagens, revelam cicatrizes, indicam esconderijos e fluxos.

Surge em tridimensionalidade a cidade no movimento de quando a vemos dentro do carro, do ônibus, na moto, na bicicleta, no caminhar e por vezes de um olhar cansado de agruras cotidianas, embaralhado com as lentes da mídia que emudece e concorre com a multiplicação de imagens, reprimindo olhares, dispersando contextualizações que incitam tristezas, tinta branca, cinza e fumaça que apagam a cidade.

Possibilidades caóticas ao serem percebidas, vívidas e absorvidas cotidianamente são expelidas de um raciocínio urbano, rejeitadas à justificativa de serem feias, efêmeras, amorais, ilegais, enquanto betoneiras concretam brechas às mudanças e instauram o medo, detonam comunicações, destroem

elos menores, levando ao abandono de espaços de convivência. Vivenciar a cidade é necessário para impedir as ordens descabidas nela. Surfar sobre o asfalto é preciso para agir de forma política sobre as obras públicas, deslocar-se de diversas maneiras para sentir a variação das velocidades é saber como aliviar um congestionamento.

A “obra inacabada” (GONÇALVES, 2016) em exercício da ética para aproximar afeto de afecto e expressar um afeito político urbano-coletivo é imaginar a cidade como corpo, por representá-la empreendendo o conceito de noção comum em Spinoza: “composição entre dois ou vários corpos e de uma unidade dessa composição” (DELEUZE, 2002, p.99).

“(...)trata-se de saber se relações (e quais?) podem se compor diretamente para formar uma nova relação mais “extensa”, ou se poderes podem se compor diretamente para constituir um poder, uma potência mais “intensa”. Não se trata mais das utilizações ou das capturas, mas das sociabilidades e comunidades. Como indivíduos se compõem para formar um indivíduo superior, ao infinito? Como um ser pode se apoderar de outro no seu mundo, conservando-lhe ou respeitando-lhe, porém, as relações e o mundo próprios?” (DELEUZE, 2002, p.131)

Optar pelo trajeto que descobre o medo dos sem-abrigos, das calçadas vazias, cheias, dos horários incomuns, compreendem outras dimensões da espacialidade imagética que descentralizam, implodem os trajetos de circulação em um núcleo e levam os afetos a uma articulação com um fora, nos quais é possível obter vislumbres de uma nova ordem, não burocrática, que efetuam atualizações sensíveis e pertinentes à dinamização da sociedade. É com o corpo na multiplicidade urbana com que se obtém o conhecimento verdadeiro do que potencializa ou despotencializa a relação cidadão com a cidade, a fim de que este corpo siga pelo conhecimento dos encontros alegres que criam constructos em nós e com o meio.

“O caráter político da prática do cartógrafo tampouco tem a ver com uma suposta “libertação do desejo, projeto que sustentou, por exemplo, os mundos criados na contracultura. Para aquele tipo de projeto, alimentado por um imaginário de libertação, desejo é natureza, energia em seu estado bruto, a qual, uma vez liberada, nos levaria ao paraíso.

Aqui, como vimos, trata-se exatamente do contrário: desejo é artifício; são aglomerados de afeto-e-língua, indissociáveis, formando constelações existenciais singulares. É esta a sua natureza. Portanto, dizer que a prática de análise é política tem a ver com o fato de que ela participa da ampliação do alcance do desejo, precisamente em seu caráter de produtor de artifício, ou seja, de sociedade. Ela participa da potencialização do desejo, nesse seu caráter processual de criador de mundos, tantos quanto necessários, desde que sejam facilitadores de passagem para as intensidades vividas no aleatório dos encontros que vamos tendo em nossas existências.” (ROLNIK, 1989, p.73)

O planeta Terra, este que se descreve por conhecimentos, analisado pelas mais diversas superfícies que compõem territórios - asfalto, chapisco, massa corrida, placas de mármore, concreto, casca de árvore, tinta, etc -, é por onde percorrem o bando “conviva”, conduzidos por fluxos de vivacidade, performances ressoantes na política e educação, tal qual “método” em o *Glossário dos Principais Conceitos da Ética*, segundo Deleuze:

“MÉTODO - 1º) Não visa a nos fazer conhecer qualquer coisa, mas a nos fazer compreender nossa potência de conhecer. Trata-se pois de tomar consciência dessa potência: conhecimento reflexivo ou ideia da ideia. Mas como a ideia da ideia tem o mesmo valor que a primeira ideia, a tomada de consciência supõe que tenhamos primeiro uma ideia verdadeira qualquer. Pouco importa qual: pode ser uma ideia que envolva uma ficção, como a ideia de um ser geométrico. Essa ideia nos fará compreender muito melhor a nossa potência de conhecer, sem referência a um objeto real.” (DELEUZE, 2002, p.90)

São pichações e grafites, munição das armas de pensar, ferramentas de abstrair o vivido, de afeccionar o olhar; “o homem necessita passar pela ‘correção do intelecto’ e usar a imaginação a favor da sua intelecção, um grande desafio para o modo finito (humano) da Substância” (KUSUNOKI, 2011, p.04). O corpo-cidade é imagem, forma enquanto afirma-se; é como Inaína, nem solúvel, nem solucionável. As artes visuais provocam conhecimentos de pensar, e da cidade. A exterioridade de uma reflexão sobre experiências entranhadas no corpo e na rua é um deslocar do afeto ao pertencimento da dimensão imaginativa de abrir-se ao especulador, por planos experimentais de potencialização imagética. A pichação está mais para a educação do que a educação para a escola, as velocidades e intensidades da contemporaneidade apontam o caminho que recai nas teorias que Inaína propõe a conversar sobre ética, corpo, imagem, pertencimento, possibilidade de existir sendo nada.

O afeto em Spinoza, considerado como ideia das afecções, é determinado alegre quando um corpo passa a ter um aumento de sua potência de ação, e determinado triste quando passa pela diminuição da potência de agir. A esta transição de um estado ao outro que determina um tipo de afeto, acrescenta-se a proposição⁷, da parte II: “A ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas.” (SPINOZA, 2009, p.55)

No caso da pichação, as letras incompreensíveis para alguns, são para os que não puderam ir à escola, o BABÁ nos muros, limite e suporte de inscrições de potências que se chocam e instalam confusão à tal afecção: medo, segurança e alegria. Do micro ao macro com milhares de falhas de comunicação, os grafites e pichações trazem sentido ao modo de vida urbano e contemplam questões sobre a organização da cidade nos diversos temas: política, infraestrutura, territorialidades, lazer e relações afetivas. “Moradia precária, esgoto não adequado e serviços públicos escassos ou inexistentes constituem partes majoritárias de nossas cidades. A mobilidade baseada no estímulo ao automóvel massacra milhões de pessoas todos os dias.”, este é um excerto da carta de Sérgio Magalhães, Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, sobre a Conferência do Clima, COP 21, realizada em Paris, dezembro de 2015.

São as iconografias urbanas, algo para conectar-se a alguma ordem diversa dos regimes de ordem que reforçam a sujeição de uma individualidade aprisionada

na tristeza, no medo, inveja, ódio, comiseração e tantas que engessam a ideia de mutabilidade. Um anti-dossiê marginal que não fica dentro de gavetas e o qual espalha seu conteúdo por todos os cantos das cidades, deixando palavras e assinaturas. Aos olhos de uns, sujando, a outros, embelezando, e de outros conectando prédios e compondo uma anti-cartilha que se estende pelas ruas. Sorrateiros, os autores abrem páginas na cidade, e com grafias inventivas marcam portas, muros, vagões de trens, pontos inimagináveis e surpreendentes de altos edifícios, expondo uma elaboração de códigos à leitura do mais ignorante cidadão, a seguinte mensagem: desterritorializado, territorializar, desterritorializado, territorializar e re-territorializar.

“(...) sempre firmes no propósito de ignorar o ilimitado movimento do desejo que ameaça dessubjetivar. Sempre firmes em ignorar como corpo, aquele, o que vibra. Sempre firmes, em considerá-lo, no máximo um objeto não identificável, um estranho corpo estranho, cujos processos de desterritorialização vivemos como “falta” de território, quando na verdade o que nos falta são condições para fazer territórios (e fazê-los, exatamente, com aquilo que pede nosso ignorado corpo).” (ROLNIK, 1989, p.232)

Eis um exercício de compor um corpo-cidade, um corpo que se afirma ao investigar as causas dos afetos e expõe a ética na persistência de investigar forças do controle, do pensar,

É assim que o método toma emprestado desde logo, da geometria, seu ponto de partida. No Tratado da correção, como o vimos a propósito da teoria da abstração, parte-se logo de uma ideia geométrica, embora esteja impregnada de ficção e nada represente na Natureza. Na Ética, a teoria das noções comuns torna possível uma prescrição ainda mais rigorosa do ponto de partida: parte-se das substâncias, qualificadas cada uma por um atributo, utilizadas como noções comuns, que são análogas a seres geométricos, mas sem ficção. De toda maneira, a ideia verdadeira tomada como ponto de

partida reflete-se numa ideia da ideia que nos faz compreender a nossa potência de conhecer. Este é o aspecto formal do método. (DELEUZE, 2002, p.90)

O afeto, na Ética de Spinoza, é a ideia das afecções em um corpo humano, ou seja, a ideia obtida a partir do encontro com outros corpos sejam uma música, uma conversa, um vento, etc. Em relação à ideia, este é um conceito que pode ser definido, “enquanto somente ideia, como aquilo que envolve uma afirmação ou negação” (SPINOZA, 2009, p.90). Como um corpo, a cidade conserva-se à medida que ela constitui-se de alegrias.

Está nos encontros com iconografias um apelo do que não se pode ignorar? Podem iconografias atravessar convivas para estimular potencialidade urbana aos corpos-cidades? A etologia que Deleuze define com a Ética é “o estudo das relações de velocidade e de lentidão, dos poderes de afetar e de ser afetado que caracterizam cada coisa.” (DELEUZE, 2002, p.130), a cidade monta e desmonta-se e as redes borram seus limites.

Segundo estudos do arquiteto e pesquisador de história do urbanismo, Rafael Pupim, a atual urbanização justifica a decisão desta pesquisa em não restringir-se a uma cidade ou artista, pois decorre da contemporaneidade a expansão e dispersão das iconografias urbanas:

“Esta dispersão que caracteriza o atual momento se refere à desconcentração das atividades produtivas, e do habitat em uma implantação difusa que se orienta segundo a geografia das linhas, que tanto marcaram a modernidade, mas que no final do século XX adquiriu status de mutação urbana, tornando anacrônica a acepção cidade e transformando em substantivo o termo urbano, que se refere à nova cultura global de acomodar as atividades humanas do território. O espaço submetido pela velocidade faz do percurso das redes técnicas o caminho da urbanização, esta é a ideia que indica pensar no “urbanismo do eixo”, pois a ocupação ao longo do caminho é descontínua e socialmente desconexa.” (PUPIM, 2013, p.265)

Com as tecnologias a adaptarem-se a mais ações dos corpos, as variações tornam-se não-representativas, criaturas se alternam na presença e ausência do próprio corpo. A realidade das ações e dos afetos, das potencialidades compositivas, afinal se apalparamos pela imagem, conclui Buci-Glucksmann (2005), “Mais dans cet univers des réseaux et des devenirs, où commence et où finit l'image ?”¹⁷ Imagem contra imagem do corpo que vive a potencialidade coletiva. Não só o espectador, mas aquele que corre o risco, que sobe escadas e deixa sua marca em outros modos de sobrevivência. O que não se constrói está destruído ou então não existe. A violência da paixão na vida é a urgência do risco de escrever no devir pichador, devir prostituta e entre as imanências de ruas, buscar o afeto pelo afeto no liame entre estética e ética. Resistir e existir, corpos e variadas afecções, emaranhado de imanências a dar origem à Inaína, uma prostituta que hackea paixões.

Apêndice 2: afeto e signos

A alegria ou tristeza pode ocorrer de maneiras comuns para diferentes pessoas, no entanto, são sentidas em singularidade, sem o dever de assumir concordância ao senso comum. Portanto, a ideia da afecção, em suma, afetos de tristeza ou alegria, não se trata de obtê-la por associação, equivalência, definição pré-estabelecida. Importa, ao caso, perceber-la na observação das forças e intensidades envolvidas no embate entre os corpos e notar o aumento ou diminuição da potência.

O signo segundo o vocabulário de Deleuze (2002) sobre Spinoza, é o efeito de um corpo sobre outro em função de um estado momentâneo de constituições variáveis e não da relação da essência de um corpo com de outro corpo. Disto segue que o efeito da afecção em um primeiro sentido é confuso e forma uma ideia inadequada, fazendo do signo a própria causa e portanto, levando a uma desnaturação da causa ou misticismo.

¹⁷ “Mas neste universo de redes e devires, onde começa e termina a imagem?” Tradução minha.

“Como Foucault bem aponta, os regimes de signos são somente funções de existência da linguagem, que ora passam por línguas diversas, ora se distribuem em uma mesma língua, e que não se confundem nem com uma estrutura nem com unidades dessa ou daquela ordem, mas as cruza e as faz surgir no espaço e no tempo. É nesse sentido que os regimes de signos são agenciamentos de enunciação dos quais nenhuma categoria linguística consegue dar conta: o que faz de uma proposição ou mesmo de uma simples palavra um "enunciado" remete a pressupostos implícitos, não-explicitáveis, que mobilizam variáveis pragmáticas próprias à enunciação (transformações incorpóreas).” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.97)

Afetos quando amortizados pelo senso comum, desestimulam a investigar as causas que o moveram, não incomodam a pensar e então descobrir que as iconografias dos muros viciam pela adrenalina, territorializam, divertem-se em grupo, engajam-se para expressarem-se como escrituras que não se negam ou ignoram-se pelo olhar. Grafiteiros e pichadores organizados em famílias, gangues, bandos ou crews, promovem aquilo que não se quer ver, a subversão social, o reflexo do desaforo. E aos que vêem em tais escritas a negação e negatividade ignoram, portanto, a reação da submissão, a ação da não submissão, a revelação do limite entre a ordem e o excluído.

As marcações de iconografias na paisagem urbana repetem-se e diversificam os olhares para proliferarem saídas às alegrias que confrontam opressões. A opinião é uma opressão extrínseca, limítrofe, determinante de conhecimento, retentor de indefinições, desvio da afetividade, coibidora de afetos, gerenciadora de significados, destruidora de signos.

“Num texto violentamente poético, Lawrence descreve o que a poesia faz: os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, pra fazer passar um pouco do

caos livre e tempestuoso e enquadrar numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda, primavera de Wordsworth ou maçã de Cézanne, silhueta de Macbeth ou de Ahab. Então, segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente com a visão; e a massa dos glosadores que preenchem a fenda com opiniões: comunicações. Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restituir assim, a seus predecessores, a incomunicável novidade que não mais se podia ver.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 261-262)

Alegrias atravessam buracos e movimentam ideias, mas enquanto os signos estão separados de suas causas, mesmo que um grafite esteja em composição com a paisagem da cidade há quem o vê com sentido de penalizar quem o faz, segundo Larruskain:

“Após quase sete anos de tramitação no Congresso Nacional, é aprovada a Lei 9605/1998 (Lei dos Crimes ambientais) que trazia na redação original do artigo 65 a tipificação tanto do pixo quanto do grafite, que passaram a ser considerados como crimes contra o ordenamento urbano e o patrimônio cultural. Apesar de a lei ao ser promulgada ter como foco principal a proteção de bens ambientais naturais, o meio-ambiente passa a ser concebido de forma ampla, ou seja, para além dos elementos naturais, como o solo, o ar, a água, a fauna e a flora, passando a ser compreendido também a partir de seus elementos artificiais, ou seja, o espaço urbano, ou melhor dizendo nas palavras da própria lei: ‘o Ordenamento Urbano e o Patrimônio Cultural’.” (LARRUSKAIN, 2014, p.22)

O espaço do ordenamento urbano? Estes “efeitos de mistura” (DELEUZE, 2002, p.111) perpetuam hierarquias, mascaram o conhecimento das causas dos espaços urbanos e apelam em grafites feitos para a cura da pichação, ou esta,

quando infelizmente, manifesta-se por um preconceito. Pelos afetos de tristeza aumenta-se os delays, as defasagens:

A consciência assim limitada ao que o olho vê não alcança o processo de mudança do estado das coisas e, por isso, não ajuda o espírito mudar de estado junto com as coisas. Elas nos instala na projeção, nos fazendo buscar intensamente a nossa inalcançável imagem 'verdadeira'. E você presume que se trata de uma espécie de consciência que, pode estar dissociada do corpo vibrátil e do nomadismo dos afetos que o atravessam em seus aleatórios encontros, confunde o campo das causas (campo invisível da geografia dos afetos) com o campo dos efeitos (campo visível da história das formas de expressão). Esse tipo de consciência toma as marcas (imagens através das quais os afetos se simulam) como origem, como causa e não como efeito e, através delas, tenta montar um sistema explicativo da vida. Trancafiada na cadeia de imagens através das quais ela se guia - uma moral -, só lhe restam duas alternativas: obedecer e agredir. (ROLNIK, 1989, p.227)

Já Inaína, o envolvimento que ela tem com a descoberta das artes a estimula a traçar sua liberdade com clientes que a levem a mais saberes. O processo de aprendizado é absolutamente singular e portanto não é possível saber como alguém aprende. O primeiro pensamento que se faz da ideia é representa-la em imagem ou desencadeamento de palavras, enquanto que a essência de tais coisas é constituída exclusivamente de movimentos corporais os quais não envolvem de maneira alguma o conceito de pensamento. Logo o conhecimento pelo corpo de Inaína citando Clarice Lispector, "Aprendo contigo mas você pensa q eu aprendi...", é o que a permite passar a pertencer a outros lugares, potencializar a convivência junto aos que prezam o aprendizado pelos signos.

"Uma idéia inadequada se caracteriza pela privação do conhecimento de sua causa, ou seja, de sua gênese, da maneira necessária como uma coisa é produzida por outras. Contudo, tendo em vista que a

substância é causa imanente e não causa emanativa de todos os seus efeitos, quer dizer, tendo em vista que todo e qualquer efeito envolve a causa, permanece nela, assim como esta os implica, podemos então afirmar que mesmo o conhecimento inadequado, enquanto efeito, envolve alguma positividade de sua causa. Considerarmos isso bem de perto é fundamental para não perdermos de vista a imanência do processo de aquisição do conhecimento adequado e para compreendermos a importância dos signos nele. Com efeito, uma das originalidades da leitura deleuziana acerca de Spinoza está em ultrapassar a dualidade signo-expressão, recuperando a importância do signo sem fazer dele veículo de qualquer transcendência.”(SANTANA, 2012, p.54)

O professor é um emissor de signos. Aprender a nadar enquanto teoria funciona fora d'água, mas o corpo ao entrar em relação com a água aprender a nadar acontece com os signos da água com o corpo. Eis o quanto signo não é representável, logo não é mental, e portanto o mental não seja fundamental. “Ensinar é um ato de emitir signos, sem que tenhamos controle em relação ao que será feito com esses signos por aqueles que com elas se encontrarem.” (informação verbal)¹⁸

A prudência do artista para expressar o vivido, em Deleuze e Guattari (1992), assemelha-se ao que Ética demonstra na proposição 05 da parte V da Ética: “O afeto para com uma coisa que imaginamos ser livre é maior que o afeto para com uma coisa que imaginamos como necessária.”(SPINOZA, 2009, p.218). A alegria, o signo, a não-imagem.

O problema do signo é algo que força a pensar, incomoda a pensar. O afeito? Abrir-se-ão as portas dos hospícios e recuperar os que foram mais resistentes aos tratamentos, os menos intoxicados, em busca do saber que contorna a lamificação do pensamento, que desfazem acampamentos, sem saber onde podem ir e deixar as paixões da imperatividade, de comando e dissabor. Referências “trans-substânciam-se” (AURÉLIO, 2000, p.234), empoderando relações entre convivas, potencializando e despotencializando. Carros, ruas,

¹⁸ Anotações sobre a palestra do prof.Dr.Silvio Gallo proferida em abril de 2015, no IX Colóquio Internacional Michel Foucault, Michel Foucault e as heterotopias do corpo.

calçadas, palcos e bancos. Trânsito, dígitos, papéis, rabiscos, árvores, canteiros, medos, peças, avenidas, dutos, precipícios, olhos, cemitérios, lixeiras, pássaros, esgotos, paisagem. Tênis, buracos, calçadas, saltos e buzinas, casas, jornal, hospitais, revistas, livros, televisão, pôsteres, internet, ônibus, cigarros, vidros, garrafas, álcool, gasolina, carpete, música, alarmes, tinta, desodorante, sorvete, pastel, martelo, britadeira, poeira, céu, vaidade. “(...) como se nós mesmos e Foucault estivéssemos conjuntamente enredados numa tensa interseção, essa em que nos debatemos entre um insistente passado e um futuro que nem mesmo ousamos nomear.” (ORLANDI, 2009, p.202).

“por um lado a imagem está sempre caindo na condição de clichê: porque se insere em encadeamentos sensório-motores, porque ela própria organiza ou induz seus encadeamentos, porque nunca percebemos tudo o que há na imagem, por que ela é feita para isto (para que não percebamos tudo, para que o clichê nos encubra a imagem...) civilização da imagem? na verdade uma civilização do clichê, na qual todos os poderes têm interesse em nos encobrir as imagens, forçosamente em nos encobrir a mesma coisa, mas em encobrir alguma coisa na imagem”. (DELEUZE, 2005, p32.)

Apêndice 3: ináina e imaginação e imanência

Neste apêndice traça-se um esboço da abrangência que esta pesquisa empreendeu para articular conceitos de imanência e imaginação com os referenciais teóricos que a problematizam.

O que podem os afeitos? O que são afeitos que se expressam das iconografias urbanas? Como o conhecimento sobre os afetos realiza uma cidade-corpo?

A possibilidade de existir e ser nada foi um dos destaques nas anotações do professor Silvio Gallo sobre o texto da qualificação. Por que não manter tal

absurdo? Paixão indevida? Confusão com aumento de potência, errante, involuntária da escrita, caminho de libertinagem pelos afetos que se associa o prazer até conseguir distingui-los das paixões tristes. Ir ao encontro com a paixão. A afirmação e negação na dinâmica da prostituta-espaco-nauta a conquistar o território em que ninguém a perceba aprendiz em hackear ruas desertas. O convívio prostituído na narrativa com os muros, paredes com as quais senta-se e a continuidade do pensar nas perambulações que faz, nas pichações que se repetem entre os grafites, a cidade e as prostitutas, um espaço desvelado pela rapper Nega Gizza, sem glamour, nua, crua:

Ontem vi um anúncio no jornal,
Vi na tevê no outdoor em digital,
Pediam mulheres com o corpo escultural,
Pra dar prazer a homens, mulheres e até casal.

Mas na real o que eu quero é ser artista,
Dar autógrafo, entrevista,
Ser capa de revista, quero se vista.
Bem bonita na televisão, role de carro e não mais de camburão, não

Tô deprimida ambiente de desgraça, traficantes, parasitas, viciados,
psicopatas,
Um baseado pra afastar essa fadiga dessa noite sedentária de orgia e
mal dormida.
Não choro mais, sei que me perdi tô consciente o meu destino eu
escolhi.

Das pragas sociais sou a pior, cocorococo eu sou efeito dominó.
O lenocídio ofusca e nos coage e atrai o marinheiro aventureiro,
sorrateiro desembarca e trai,
Sou de quem me ver primeiro sou a ausência do amor com a presença
do dinheiro.

{sou puta sim vou vivendo do meu jeito, prostituta atacante vou
driblando o preconceito} 4x.

Os crentes dizem que eu vendo a alma pro capeta,
Sei muito bem que não sou mais mulher direita,
Não sei se é certo mais faço parte do bordel,
Um "redevoir" que mais parece a torre de babel.

Sinto sintomas da fadiga no meu corpo,
Mas sedativos aliviam as consequências desse aborto,
A perversão deixa profundas cicatrizes,
Em desespero já tentei vários suicídios.

Quem me vê aqui sorrir assim tão inocente,
Não percebe a malícia da serpente,
Dou mais um dois e alivio essa tensão ou não,
Na madrugada toda puta é imagem do cão ou não.

Sem carteira vou guiando sentido contra mão,
Artigo 59 lei da contravenção,
Vou despertando a libido de um velho ou de um menino,
Considerada aqui na zona a rainha do erotismo.

Santo Agostinho e o meu santo protetor,
Contradição e minha marca na reza e na dor,
Sou retrato 3x4 desse povo brasileiro,
sou a ausência do amor com a presença do dinheiro.

{sou puta sim vou vivendo do meu jeito, prostituta atacante vou
driblando o preconceito.} 4x.

Sou meretriz triste e feliz
Codinome vagabunda entre o mau e o bem,
Vou deixar de ser inunda,
Você acha que é falta de moral promiscuidade excessiva,
Seja puta 2 minutos e sobreviva.

Tenho um sonho amor e vaidade,
Um teco, ajuda a suportar a enfermidade,

As famílias me odeiam por causa da luxúria,
Mas só vendo minha carne e meu carinho a que me procura.

entre logo e feche a porta meu cliente,
Tire a roupa lave o sexo,
Tome a pasta escove o dente

Não pense no pecado tenha decisão
Sou seu vídeo game ligue aqui nesse botão,
Goze logo o tempo é curto o preço é justo
Outros homens me esperam vá sem susto.

A policia é apenas nosso risco,
A justiça é apenas nosso cisco,
A necessidade me leva a sobrevivência,
A miséria me leva a indecência

As duas a loucura intenso devaneio,
Sou a ausência do amor com a presença do dinheiro.

{sou puta sim vou vivendo do meu jeito, prostituta atacante vou
driblando o preconceito} 4x.

Sou prostituta na boca do povo conhecida como puta,
Obrigada a conhecer as posições do kamasutra.
Se meu filho chora sou eu a mãe que escuta
Seu deus desculpa não tive culpa só fui a luta

Não sei se tenho o valor que mereço
Mas pra deita comigo tem um preço,
Pela minha mãe pelo meu filho tenho muito apreço,
Fui no prostíbulo que achei meu endereço,

Não me orgulho mas me assumo menos mau,
Quem não roda bolsa ou faz programa pra mim é tudo igual.
Das cinzas as cinzas, do pó ao pó, sem pó,
Os meganha chega e o tempo fica bem pior,

Vem de menor, vem comigo pra o xilindró
Estar em casa com meu filho agora seria bem melhor,
Não estou só tenho deus comigo,
Mas corro o risco de deitar com o inimigo.

Bate o sino meu filho deve tá dormindo,
enquanto eu inicio a vida sexual de um menino.
Aos 16 só curtição, pensava em nada.
Hoje aos 23 neurose a mil só transa angustiada.

Aos 33 quem sabe velha arrependida.
Aos 43 só no esqueleto recordo a vida.
Minha puta vida reflete o desespero,
Sou a ausência do amor com a presença do dinheiro.
{sou puta sim vou vivendo do meu jeito, prostituta atacante vou
driblando o preconceito} 4x. (GIZZA, 2002)

A “ausência de amor com a presença do dinheiro”, o que esta letra de música mostra é o que muitas das relações afetivas são. Amor e dinheiro, duas palavras, significados, a ausência de signos, e o que as relações como estas influenciam no convívio e na paisagem?

“Não por acaso o caráter contestatório do rap se exprime por meio de suas letras que, alicerçadas na narrativa do cotidiano periférico, retratam o modo como a desigualdade socioterritorial se manifesta na metrópole: carência de bens de serviços essenciais à condição cidadã, críticas ao governo e demais poderes instituídos constituem boa parte da mensagem ‘rapista’.” (ALVES, 2015, não paginado)

Das mensagens do rap como algumas vezes é citado em Obra Inacabada, os afetos saem da centralidade do sujeito para questionar sobre ruas áridas, pela falta de tato entre as pessoas e as regras, leis, sinais que amarguram, diminuem

a potência de existir, contribuem à menos afirmação do corpo para agir devido à menos realidade apreendida. A consciência do cavalo alado como verdade só há tem quem pouco tem percepção, como é a criança que está descobrindo o mundo. São as percepções que nos distanciam da ilusão, as conexões mais diversas é que permitem o corpo resistir ao aprendizado dos afetos.

Apropriar-se de imaginações variáveis, tal qual ocorre com as imagens dos afetos que primariamente independem do sujeito como ser suficiente como fundamento da Ética, em apêndice da primeira parte: “(...)a saber que todos os homens nascem ignorantes das causas das coisas e que todos tendem a buscar o que lhes é útil, estando conscientes disso”.(SPINOZA, 2009, p.42)

Qual a potência do afeito pela movimento interferente de inscrições na paisagem que se atualiza aos passantes? As virtualizações do afeto, experimentadas pelo esquizografar do que está acerca, como já ocorrido em Cor(m)posições:

“Tudo que parece diferente na ida começa a tornar-se igual na volta, devido à recepção caótica desse turbilhonar de imagens percebidas ao longo de um percurso rizomático pelas aparências de uma paisagem arborescente; ao mesmo tempo a repetição torna-se o motor da diferença amplificando a potência da paisagem e fazendo-a tomar tamanha velocidade a ponto de borrar todas as formas e cores presentes.” (GONÇALVES, 2010, p. 103)

No caso de pesquisar sobre pichações e grafites percebe-se que a dimensão deste movimento é não é da ordem do artista, mas sim de uma expressão ruidosa para perceber um corpo-cidade. O risco, a vida, a morte, a permanência, e como escreve Bacal do tumulus sobre seu “rolê” no Japão: “pixar fora do Brasil é mil grau mesmo.” Pichações e Inaína no limiar da prática da potência de perseverar no próprio ser em um plano sobre o que está imposto.

As iconografias urbanas existem e se repetem ao constituir a paisagem, como as vemos, como se organizam. De mais a mais proliferam-se em diversos formatos, técnicas e efetuações - lambe-lambes, estênceis e stickers -, preenchendo infraestruturas, equipamentos da cidade e consequentemente olhares de quem

afeciona-se com elas. Os afetos de seus autores em imagens de monstros, palavras que desejam, do que repugnam, diversificam a afecção nas ruas.

Forças do estado múltiplo eventual imprimem-se na fotografia em metamorfose, em imagem da imagem da afecção com a paisagem urbana, da escrita expressão da ideia da imagem da afecção no percurso da prostituta, juntas, transversais, autonômas, uma experimentação imagética com o que se pode extrair do afehto.

Porquanto o afeto é indistinguível nos corpos, na escrita do exercício da ética spinozana por paisagens urbanas, o embate das paixões é evidente como sequência da ética em “(est)éticas do acontecimento”¹⁹, à maneira de colocar a potência de afetar, propulsionar e deslocar a passividade à atividade. Pulsografias, refringências de lugares, golpes de iconografias, afetos de experimentação na escrita, corpos e camadas ultrapassam, atravessam e refratam frases, palavras cruzadas por redes definem contornos depurados pela imaginação e imanação da paisagem, enquanto o conceito de afecção aqui transcrito pelo vocabulário de Charles Ramond, serve de apoio ao olhar que enreda a pesquisa:

“A constante bivalência da noção de afecção (ao mesmo tempo coisa singular e alteração de uma coisa singular; ao mesmo tempo ativa como afecção da substância e passiva como alteração deste ou daquele corpo humano) faz, portanto, sistema com a dupla determinação dos afetos (ativos ou passivos) e da natureza (útil e nociva), duplas determinações que são também condições de possibilidade da inversão e da liberação éticas.” (RAMOND, 2010, p.17)

¹⁹ Tema apresentado pelo Prof. Daniel Lins em curso realizado na Faculdade de Educação, Unicamp, entre os dias 10 a 13 de março de 2014. O verbo *être*, em francês, conjugado na terceira pessoa do presente, *il est*, junto com a palavra *ética* formam a palavra *estética*, mas não limitando-se a somente à *estética* esta é acoplada a palavra *acontecimento*, o que faz desse termo assim escrito conveniente para se pensar as iconografias urbanas em sua dinâmica, tal qual o movimento do acontecimento e da ética spinozana.

Corpos e afetos cruzando-se em narrativas em interações de afeto e paixão formam redes em uma história de histórias. Se vê e se esconde no exercício spinozano de personagens que pregustam afetos, cidade e a imaginação que “constitui o processo de relacionamento, por assim dizer, natural e imediato, da mente com o mundo” (AURÉLIO, 2000, p. 113) .

Os corpos hora agitam-se por causas externas e hora para transformar o convívio de relações infindas. Concretudes e abstrações confrontadas até desvencilharem as paixões dos afetos, a separarem as ideias das afecções na imanência. A leitura dos afetos na cidade expondo as tecnologias de hackear políticas, economias, relações coletivas.

“O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento...”
(DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.53)

Na última parte do livro a Ética, Spinoza demonstra o terceiro gênero de conhecimento, o qual exige o esforço para a habilidade de tecer uma trama a qual se compõe por fios de diversas direções, na realidade que não se acaba e na realidade que não basta.

“Não se pode perder de vista que o infinito é a presença de relações diferenciais, de singularidades, de elementos não formados e sem função; mas, também é um índice que Deleuze não retorna à metafísica dogmática e nem muito menos está propondo um retorno ao pré-kantismo. O infinito, neste aspecto, é nada mais nada menos que o campo problemático, o real virtual. O plano de imanência libera e permite ao filósofo relacionar uma imagem do pensamento e uma matéria do Ser. Não temos mais a distinção entre conceito e intuição, mas o movimento infinito, a velocidade infinita que remetem ao pensamento e ao Ser, um joga para o outro.” (LOPES, 2013, p.225-226)

Podemos tomar como exemplo a leitura dos textos pré-socráticos inaugurada por Deleuze-Guattari:

O movimento infinito é duplo, e não há senão uma dobra de um a outro. É neste sentido que se diz que pensar e ser são uma só e mesma coisa. Ou antes, o movimento não é a imagem do pensamento sem ser também matéria do ser. Quando salta o pensamento de Tales, é como água que ele retorna. Quando o pensamento de Heráclito se faz polemós, é o fogo que retorna sobre ele. É uma mesma velocidade de um lado e do outro: ‘o átomo vai tão rápido quanto o pensamento’. O plano de imanência tem duas faces, como Pensamento e Natureza, como Physis e como Nós.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.54)

A isso também está relacionado que “o percurso da liberdade passa necessariamente pelo corpo, pois a mente não é outra coisa que a ideia dele, e mostra mais uma vez que tal percurso começa e termina no campo dos afetos.” (PAULA, 2010, p. 303) É a imaginação a se abrir ao labirinto, a imanência às percepções e a imagem, ao corte. O corpo-sígnico, imanação e magnetismo.

“o estágio em que a arte já não embeleza nem espiritualiza a natureza, mas rivaliza com ela: é uma perda de mundo, é o mundo ele mesmo se pondo a ‘fazer cinema’, um cinema qualquer; é o que constitui a televisão, quando o mundo se põe a fazer qualquer cinema, e que, como você diz, ‘nada mais acontece aos humanos, é com a imagem que tudo acontece’. também se poderia dizer que o par natureza-corpo, ou paisagem-homem, cedeu lugar ao par cidade—cérebro: a tela não é mais uma porta-janela (por trás da qual...), nem um quadro-plano (no qual...), mas uma mesa de informações sobre a qual as imagens deslizam como ‘dados’” (DELEUZE, 1992, p97-8)

Outrora comentado, analisar as inscrições urbanas separadamente, caso a caso por definição de artistas, é inconcebível por levá-las em consideração como

movimento em conexão, como mostra sua exposição na cidade, e por isso a decupagem de superfícies que esta pesquisa pinça dá destaque sobre a singularidade e a autonomia como a aprendizado que espalham sobre as ruas.

“Essa doutrina, enfim, não é menos útil à sociedade comum, à medida que ensina como cidadãos devem ser governados e dirigidos, não, evidentemente, para que se tornem escravos, mas para que, livremente, façam o que é melhor.” (SPINOZA, 2009, p.94)

Hackear as relações para um corpo-cidade em fluxo entre territórios não equivale à utopizar o imaginar desta realidade que pode ser construída a partir do conviva, alegre pelo afeto que sustenta-se. Como supracitado, não parece haver um caminho óbvio devido o desejo de ser alegre não ser tão claro, pelos pontos que conectam imagem e imaginação e imanência, forjarem o prazer em uma tristeza.

Qual a potência que pode se expressar entre os passantes, através das ruas, nos muros de quem vive semelhantes afecções? Como se sente a imanência? A duração do corpo e a sensação pelos espaços relacionados, o afeto não está nas coisas e sim no que se sente, na passagem, notável na imanência. O que compõe o momento de passagem do afeto? “Não entendo que o espírito compare a presente constituição do corpo com uma passada, mas sim que a ideia que constitui a forma do afeto afirme do corpo alguma coisa que envolva, na verdade, mais ou menos realidade do que antes” (SPINOZA, 2009, p.152)

Dar a forma e a recriminação, a ordem e regras é limitar a intuição própria para pensar. *As imagens pensam*, despertam lembranças do prof.Dr.Etienne Samain(2012), antropólogo estudioso de Gregory Bateson(1904-1980), e com Spinoza, hackeando relações afetivas, se faz a rede que potencializa, potencializando mais corpos; se ativos, a pensar. Se afeta é ativo, se é ativo, ativa e não faz padecer relações, passagens, afetos, ética. Imaginando livres ou necessárias as tecnologias expressam - o game de obra inacabada (GONÇALVES, 2016, p.62) - os cantos de novos coletivos que emergem e como a rua criam acesso, conexão e potência de iconografias que desestabilizam paixões para desconstruir armadilhas, hackeá-las para máquinas de guerra.

É tudo uma questão de um plano de imanência, na qual este pode reverberar a ética, e de que quanto mais alegrias se vive, maior é o alcance da beatitude que não consiste em um paraíso, mas de que a vida é muito mais rápida e mais lenta; a arte é breve, e ter estudado a pichação como modelo de arte, do corpo-cidade como obra de arte, uma efemeridade multiplicada em exposição do tempo. Ao mesmo tempo que desaparece, apaga-se do olhar, registro banido do território, recusa-se aos museus, como belas artes e coloca o corpo às forças da proibição, arrisca-se como artista pela sensação, joga com forças; assim é o azul que não muda onde Inaina vive.

A interação reconstrutiva aqui sugerida perpassa os conceitos filosóficos de Deleuze e Guattari(1992) sobre as artes a fim de aprimorar estudos sobre o afecto como acontecimento do vivo e como inserem-se com o que retiram da escala das cidades? O que vemos? A escrita como contagiante movimento iniciada por não letrados, manifestos surgidos a partir dos anos 80 na cidade de São Paulo é a pichação uma extensa pintura pela superfície das paisagens, exorbitante movimento de simbiose de territórios.

“O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento...” (DELEUZE; GUATTARI,1992, p.53) Neste sentido, espaços desabitados são muitas vezes marcados por estigmas de abandono, na verdade, por aqueles que os observam, mas não por histórias daqueles que os frequentam. Em alguns desses lugares, grafites e pichações, reconhecem nesses espaços palcos de vidas, com imagens tornam estes, cenários para as histórias de personagens ocultados pela sociedade e cumprem o papel da imaginação como potência do pensamento.

O que implica a imaginação na escrita literária como aprendizagem do potencial do afecto na composição de paisagens? O conceito de imaginação verdadeiramente não há em Spinoza, ou no mínimo se desfoca à medida que após muitos retornos à leitura das demonstrações, o filósofo o cita potencialmente prejudicial somente quando não se tem ou perde a consciência de que imaginas, reafirmando a imanência e não a transcendência. Enquanto ao que ela possa remeter a mais realidade, isto potencializa o encontro à beatitude. A ciência de Spinoza se faz pelo corpo que sente, afecciona-se, não faz a troca pelo produto e sim pelo coletivo. As tecnologias que agregam-se aos corpos, há

tempos faz do hábito algo cada vez mais invisível, incapturável e por isso cada vez mais é imprescindível usufruir da potência das nascentes, dos devires, da complexificação do pensamento como aponta Kusunoki: “A virtude da imaginação reside na possibilidade infinita da mesma em receber afecções: quanto maiores as afecções de corpos, maior é a possibilidade de intelecção da mente e da potência de pensamento.” (KUSUNOKI, 2011, p.03) São os guardadores de nascentes em *Obra inacabada*, os contempladores do bosque, os velhos, os jardineiros, estão nos espaços de contemplação, como as prostitutas e os pichadores que também passam por lá.

É a politização do espaço da arte, do valor com outros olhares, da exposição do artista, do risco e vida da cidade constituída por relações que deterioram o espaço, e o convívio em efetuação por corpos revela o sentimento como formação que guarda sensações inertes e inerentes às ações capazes de romperem a estrutura existente, corromperem as imagens, hackearem redes, e, consequentemente, um sistema arcaico e hierárquico.

“Nossa web não depende de nenhuma tecnologia de computação para existir. O boca-a-boca, os correios, a rede marginal de zines, as “árvores telefônicas” e coisas do gênero são suficientes para se construir uma rede de informação. A chave não é o tipo ou o nível da tecnologia envolvida, mas a abertura e a horizontalidade da estrutura. Contudo, o próprio conceito da net implica o uso de computadores. Na imaginação da ficção científica, a net é conduzida para a condição de ciberespaço (como Tron e no livro de William Gibson, *Neuromancer*) e para a pseudo-telepatia da “realidade virtual”. Como fã do cyberpunk, não consigo deixar de antever o importante papel que o “hacking da realidade” terá na criação das TAZs.

Assim como Gibson e Sterling, acredito que a net oficial jamais conseguirá conter a web ou a contra-net - a pirataria de dados, as transmissões não autorizadas e o fluxo livre de informações não podem ser detidos. (Na verdade, no meu entender, a Teoria do Caos pressupõe que nenhum sistema de controle universal seja possível.)” (BEY, 2004, p.34)

Apêndice 4: expressar afeto: uma ideia que afirma

Porque o aprendizado dos afetos a partir das iconografias urbanas implicam em uma educação para os passeantes da cidade? O que podem os afetos, sobretudo para descobrir outras formas de educação no cotidiano e sustentáveis na organização da cidade pelo os que a frequentam e a usufruem, um aprendizado que não cabe a uma só especificidade mas ao conjunto delas.

Espaços de convívio para a comemoração, a prática da arte como essencial, o declínio dos detentores da ação, o espalhamento de sensibilidade para dar resistência às relações, os espaços sem obstáculos, vazios para contemplação, a moderação dos clichês. Quanto mais chegam expressões a céu aberto, mais espaços infintos se fazem necessário. Aparecer e desaparecer em um curto espaço de tempo, trans, faz, traz ao espaço cotidiano a consciência de ação, intervenção, bem como uma ética dos afetos realizando uma imagética de trocas múltiplas e coletivas, singulares e imanentes, a poção que cabe a cada um saber fazer a sua.

“Qual é a singularidade da ética em Deleuze?”

Isso é uma coisa importante. Vamos voltar um pouco e pensar que a ética, em última instância, pelo menos do ponto de vista de uma das dimensões constitutivas do indivíduo, é um cuidado permanente com sua essência singular. Eu preciso fazer um esforço permanente para que os encontros elevem a minha potência de viver ao ponto que eu possa transformar as paixões, porque eu vivo no mundo das paixões, dos encontros casuais, e pelo menos criar as condições para que eu viva paixões alegres, porque elas me dão um sinal de que minha singularidade, minha essência singular, ou, vamos dizer, meu grau de potência se engrene com o aumento do meu poder de ser afetado.”
(Orlandi, 2009b, não paginado)

Se por ética compreendemos passar da passividade à atividade, da paixão à ação, de fato, se somos passivos, se tem-se conhecimento inadequado dos apetites e dos desejos, se não há uma vontade racional capaz de dominar as paixões, como a Ética há de ser possível? “A ética supõe e exige seres racionais, mas somos naturalmente afetos e desejos.” (CHAUÍ, 2011, p.95), portanto a essência que em Spinoza é a “potência de perseverar o próprio ser”, indica que esta advém mesmo dos sentimentos, paixões tristes e paixões alegres.

Pela metodologia de conduzir a pesquisa por uma ética, é possível desenvolver uma educação pelas inscrições urbanas, dando sentido à etimologia da palavra educação - do latim *educare*, por sua vez ligado a *educere*, composta por *ex* - fora e *ducere* - guiar, conduzir, obter²⁰ -, de conter o sentido de instruir, conduzir e guiar pelo fora, assim como obter faz da interação o aprendizado por relação substancial, e portanto, spinozana:

“Segue- se, ainda, pelo post. 4 da P.2, que é totalmente impossível que não precisemos de nada que nos seja exterior para conservar o nosso ser, e que vivamos de maneira que não tenhamos nenhuma troca com as coisas que estão fora de nós. Se, além disso, levamos em consideração a nossa mente, certamente o nosso intelecto seria mais imperfeito se a mente existisse sozinha e não compreendesse nada além dela própria. Existem muitas coisas fora de nós que lhes são úteis e que, por isso, devem ser apetecidas. Dentre elas não se pode cogitar nenhuma outra melhor do que aquelas que estão inteiramente de acordo com a nossa natureza. Com efeito, se, por exemplo, dois indivíduos de natureza inteiramente igual se juntam, eles compõem um indivíduo duas vezes mais potente do que cada um deles considerado separadamente. Portanto, nada é mais útil ao homem do que o próprio homem. Quero com isso dizer que os homens não podem aspirar nada que seja mais vantajoso para conservar o seu ser do que estarem, todos, em concordância em tudo, de maneira que as mentes e os corpos de todos componham como que uma mente só

²⁰ DUCERE. In: DICONÁRIO multilíngue on-line. [S.l.] Glosbe, 2015. Disponível em : <http://pt.glosbe.com/la/pt/ducere> Acesso em: 10/09/2014.

e um só corpo, e que todos, em conjunto, se esforcem, tanto quanto possam, por conservar o seu ser, e que busquem, juntos, o que é de utilidade comum para todos.” (SPINOZA, 2009, p.169)

O postulado⁶ da proposição 13 da parte II, sobre a natureza e a origem da mente, pronuncia que “o corpo humano pode mover e arranjar os corpos existentes de muitas maneiras” (SPINOZA, 2009, p.66), algo para afirmar o afeto como potência para a Educação e o que ela relaciona como alternativa, combinação e transformação por afetos alegres.

“Como se poderia, com efeito, distinguir subjetivamente a alegria passiva da alegria ativa? A diferença objetiva, como bem lembra Sévérac, não é um problema: somos causa parcial do afeto de alegria, nem caso, e causa total no outro. (...) Qualquer leitor de Spinoza, sabe que não se fala de dever moral: não somos obrigados a buscar a felicidade, por uma determinação extrínseca à nossa própria experiência afetiva. A questão, portanto, não é o que se deve ou não fazer, mas o que se ganha ou se perde ao se passar da alegria passiva à ativa.” (PAULA, 2010, p.230)

Amplitudes e desordens nas salas de vestir, no público, privado, a elasticidade dos afeitos se dá com a imagem. O aprender é um acontecimento, resultado dos bons encontros. Respeitar os convivas, realizar conexões sustentáveis, em uma rede periférica integrada, linkada, geo-referenciada, *ler o muro*, expressão entre pichadores, não é um conhecimento para a maioria da população, no entanto, dá entendimento além das palavras, educação que se descarrega do pesado cunho de profissão, ministério.

“O problema mudaria se fosse um outro plano de imanência. Não que aquele que crê que Deus não existe pudesse então ser vencedor, já que ele pertence ainda ao antigo plano como movimento negativo. Mas, sobre o novo plano, poderia acontecer que o problema dissesse

respeito, agora, à existência daquele que crê no mundo, não propriamente na existência do mundo, mas em suas possibilidades em movimentos e em intensidades, para fazer nascer ainda novos modos de existência, mas próximos dos animais e dos rochedos. Pode ocorrer que acreditar neste mundo, nesta vida, se tenha tornado nossa tarefa mais difícil, ou a tarefa de um modo de existência por descobrir, hoje, sobre nosso plano de imanência. É a conversão empirista (temos tantas razões de não crer no mundo dos homens, perdemos o mundo, pior que uma noiva, um filho ou um deus...). Sim, o problema mudou.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 98-99)

Um afeto de alegria realoca a sensação do prazer para a potencialidade do pensar, e o pensar à ação. É por este percurso que é possível perceber o que faz um dos protagonistas do documentário “Pixadores”(2014) saber ler pixinho, e não saber ler o alfabeto romano que se aprende nas escolas.

“O alfabeto compõe-se de <letras>. Aprendemos a <ler> e a <escrever> (isto é, a pensar), combinando-as para formar palavras, depois frases (ou seja, para articular uma questão e construir um problema). As mesmas letras não se encontram, pois, em toda parte, em todas as palavras; mas quanto mais complexo é o problema, mais numerosas são as letras necessárias para o elaborar. Estas constituem as condições da inteligibilidade da ideia, são os elementos articuláveis pelos dados atuais de cada problema em cada domínio particular; e reciprocamente, permitem articular num ou mais problemas (criando uma rede diplomática) os dados específicos deste ou daquele domínio. Com elas, podemos pensar o caos na pintura de Bacon, o devir-mulher num rito grego, o sistema buraco negro/parede branca da <facialidade> [visageité], a lógica do desejo esquizofrênico ou o pensamento de François Châtelet.” (GIL, 2008, p.40)

Hackers, como os convivas, apreendem que a alegria das paixões deve desprender-se, que os sentimentos se esvaem para o afeto evanescer como acontecimentos que ocorrem na música, no poema, na pintura, no improviso.

Assim, a imagem reproduz o momento da percepção e força o leitor a suscitar dentro de si o objeto um dia percebido. O verso, a frase-ritmo, evoca, ressuscita, desperta, recria. Ou, como dizia Machado: não representa, mas apresenta. Recria, revive nossa experiência do real [...]. O poema nos faz recordar o que esquecemos: o que somos realmente. (PAZ, 1972, p.46-47).

A mobilidade de compreender os afetos como sensação e não querer anulá-los, além do mais os mesmos paradigmas ressurgiriam para serem quebrados. A desconstrução e construção contínua até que composições superem decomposições. O coração e às vezes a parte mais débil do cérebro dão a força vital para que o corpo se conserve pelo afeto. Os afetos ainda em um nível primário de conhecimento são responsáveis pela maleabilidade, a manuseabilidade das ciências, pelo gesto com a matéria. Os convivas portanto, dançam e buscam entender o vento sem pudor com os corpos e os afeitos que os moldam e moldam os objetos que escondem segredos e intimidades a serem estratégia para dismantelar máquinas de poder. O trabalho de Inaína não contém-se solitário, as alianças com outras mulheres da vida sem o sentimento de culpa, a permite pensar.

05_____fim

Governados por retóricas caminhamos à morte única, morte do corpo, idealização da vida. Corpo mesurado pelos afetos, guiado pela intuição, mas encarnado pela imagem. Corpo multiforme regido por maus afetos e esfacelado por bons encontros. Estados de fluidez irrestrita cada vez mais raros como o gosto da ação. Regras e julgamentos sentidos, habituados, formam estranhas concretudes de obstáculos à legião dos exércitos de corpos insensíveis, movem-se por relações sistêmico-capitalistas-servis, sujeitam-se a relações restrito-consumo-cômodo-morais.

Descontentamento e discordância, uma altivez que não se entrega e assim as alegrias vão sendo postergadas. O caos confunde-se em meio a tantas ordenações de placas, gritos, guerras, opiniões, nem sempre se apresenta, mas comumente é lembrado, evocado.

Na letargia na qual se apoiam os cidadãos, o caos desperta o olhar de alguns para as velocidades e para as vias que atravessam as cidades, a fluidez atravessadora, acelerada ou lenta modificando o estado, a sensação, o ritmo e a curiosidade. Segundo Amorim “o plano para o pensamento germinar é, assim, constituído quando se depara constantemente com o caos e fica-se à sua frente, ganhando suas intensidades, velocidades e deformações.” (2014, p.64)

A passagem e o movimento de corpos junto às imagens em movimento que as apaga por uma estranha potência.

“O plano envolve movimentos infinitos que o percorrem e o retornam, mas os conceitos são velocidades infinitas de movimentos finitos, que percorrem cada vez somente seus próprios componentes. De Epicuro a Spinoza (o prodigioso livro V...), de Spinoza a Michaux, o problema do pensamento é a velocidade infinita, mas esta precisa de um meio que se mova em si mesmo infinitamente, o plano o vazio, o horizonte.

É necessária a elasticidade do conceito, mas também a fluidez do meio. É necessário os dois para compor “os seres lentos” que nós somos.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.51)

No plano de composição, o artista dá seu corpo à arte como pensamento, se dá às piores drogas, procura loucura até expor sentimentos no precipício do salto, do medo e da angústia. Inaína caminha na ilha da biblioteca, pois para ela não basta falar de sarau se não vai ao sarau, viver o afeto se o aprisiona, evanescer se não esvai o afeto.

30/12/2015

Inaína faz do sentido outrora romântico um impulso criativo, expansivo até encontrar o bando. Dá medo, é potente, dobra caminhos e pequenas, múltiplas descobertas se fazem ao afeto do amor.

Diversas micro percepções trocadas com Inaína vítima das paixões. Milhões de partículas em transa, um outro conto e corpo pelas portas que se abrem pela imaginação. Encorporar-se com o bando dá frio na barriga, tremores no âmago, terá de atacar, resistência e resistir, agir sobre o ego vitimizado.

Incorporar-se ao bando é selvagem.

5.1 _____ *Após a última cena:*

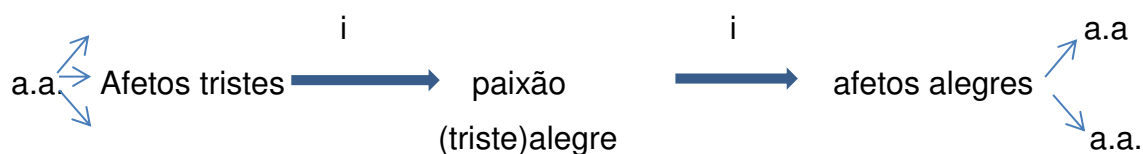
Com esta última cena, a pesquisa vislumbra como novos horizontes a pesquisar bairros que após reforma-urbanística não melhoraram o status de violência, a fim de estudar relações arquiteturais e urbanas pelos afetos. Até que ponto o afeto pode ter uma ética que o estructure?

No outro contraponto uma cidade azul chamada ChefChaouen, no Marrocos. A vila de uma só cor como Inaína viu o céu que nunca mais mudou de cor (GONÇALVES, 2016, p.47).

O doutorado é uma caminhada que se abre a um bando, pois como mostra a narrativa não se é professor sozinho. O que se aprende, o que faz a mudança percebida é por enfrentamentos.

“ (...) as noções de ‘todo’ e de ‘parte’ são, aliás, relativas (‘o todo e a parte [sendo] somente seres de razão, não há na natureza nem todo nem partes’; ver também a ficção do ‘verme que vive no sangue’, na Carta 32 a Oldenburg). Logo, os indivíduos podem se compor para formar outros indivíduos e, de composição em composição, a natureza naturada inteira será concebida como ‘um único indivíduo, cujas partes, ou seja, todos os corpos variam de uma infinidade de maneiras sem que o Indivíduo inteiro mude’ (II 13 lema 7 esc.; Deus não é um ‘indivíduo’: não é composto, ele é indivisível – I 13, II 10 esc. 1). Os ‘indivíduos’ gerados por esse ponto de vista serão muitos diferentes daqueles com que convivemos: o universo dos corpos extensos será um ‘indivíduo’, mas também seus componentes: galáxias, planetas, fenômenos meteorológicos poderão ser considerados indivíduos, dotados de uma proporção fixa de movimento e de repouso e capazes de se destruírem uns aos outros (IV ax.). Os Estados, ou corpos políticos (TP 3/1,3/5 etc.: imperii corpus), serão, pois, verdadeiros indivíduos, compostos de outros indivíduos (IV 18 esc.)” (RAMOND, 2010, p.45)

O corpo político em mutação nas paisagens em frente aos cidadãos inertes, desmobilizados, fluxos de informação enquanto tudo está inebriado de afetos, ainda que de forma confusa, manipulada pelas mais diversas associações, mas ainda com a própria a textura da sensação do gesto que coloca um livro na estante seja por afetos tristes e até que não suporte a ação de uma alegria como no esquema elaborado abaixo:



i=intensidade

a.a.= afetos alegres

a.t. = afetos tristes

Afetos desterritorializados na cidade azul e no bairro de Clichy-sous-Bois de Paris, que em uma reportagem do Le Monde certa vez na lavanderia indicou este novo caminho, pesquisar sobre políticas públicas e arquitetura, economia política e administração de redes que estão puídas e precisam de um novo tecido (GONÇALVES, 2016, p.47).

O afehto que potencializa um corpo, o sol branco atrás das nuvens, ela não vê mais do que a silhueta da cidade no trem que a faz levar amor para outros lugares. Como preservar esta delicada semente? Inaína é hacker guardiã do amor. O que fazer para integrar territórios? Inaína se prepara para Chefchaouen, a cidade azul.



E em algum momento percebo as pichações com a palavra amor espalhando-se convulsivamente pelas ruas por onde passo. Estamos carentes? Isto me faz pensar sobre as pichações, olhá-las e procurá-las cada vez mais. Inclusive sempre achei muito útil, aquelas

em portas de banheiro, um debate melhor do que os que eu acompanhava pela televisão. Discussões sobre aborto nunca faltaram, e o posicionamento das mulheres indiferentes às suas religiões estavam ali marcados. Não se sabe quem escreve e quem deixa o telefone para um encontro sexual.

O que nos faz pensar? Porque tantos debates atrás das portas e tanta privação nos encontros diários? Qual era o significado da palavra amor naquelas pichações? Algo a mais parece haver naqueles escritos pela cidade. Amor?

Referências bibliográficas:

ALMODÓVAR, Pedro. *Patty Diphusa*. (Tradução: Ana Luiza Beraba) Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

ALVES, Cristiano Nunes. Quando as ruas abrigam a arte: a cena hip hop no Recife (1980-2014). *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, n. 25, 2015. Não paginado.

Disponível em: <https://confins.revues.org/10426?lang=fr>

Acessado em: 27/03/2016.

AMORIM, A. C. R. n-imagens In: CAMARGO, M.R.M; LEITE, C.D.P; CHALUB, L.N. (org.). *Linguagens e imagens. Educação e políticas de subjetivação*. 1 ed. Petrópolis : DP et alii, 2014, v.1, p. 63-73.

ASPIS, Renata L. *Ensino de filosofia e resistência*. Tese (Doutorado) FE-UNICAMP. Campinas: [s.n.], 2012.

AURELIO, D. P. *Imaginação e poder – estudo sobre a Filosofia Política de Espinosa*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

BARATTO, Romullo. Filme raro mostra Le Corbusier discutindo poesia e sua obra em seu apartamento em Paris. *ArchDaily Brasil*, 15 set. 2014. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/627260/filme-raro-mostra-le-corbusier-discutindo-poesia-e-sua-obra-em-seu-apartamento-em-paris>.

Acesso em: 19/06/2016.

BOLETA (Coaut. de) et al. *Ttsss_: pichação, the vastest art São Paulo, Brazil*. [S.l.]: Editora do Bispo, 2006

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. (Tradução Marina Appenzeller). Campinas: Papirus, 2003.

BUCI-GLUCKSMANN, Christine. *Variations sur l'image : esthetique et politique. Août 2005*. Anotações e estudos sobre Imagem, por ORLANDI, Luis B. L.. Tradução disponível, In: LINS, Daniel (org.) *Nietzsche/ Deleuze: imagem, literatura e educação*. SIMPÓSIO Internacional de Filosofia, 2005. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007. (2005)

CHAUÍ, Marilena. *Desejo, paixão e ação na ética de Spinoza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Spinoza et le problème de l'expression*. (Tradução não-publicada de Luis Orlandi) Paris: Ed. Minuit, 1968.

_____, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992. (Coleção TRANS)

_____, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS)

_____, Gilles. *A imagem-tempo*. Tradução Eloisa de Araujo Ribeiro. Revisão filosófica Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Cinema 2)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. (Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão). Coleção Trans. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DJAN, C. I., “Cripta Djan: O pixador é o artista que transcendeu as telas.” Revista Vies. (Entrevistadores: RHODEN, C. et al.) [S.l.:s.n.] em 08/11/2012. Disponível em: <http://www.revistaovies.com/entrevistas/2012/11/cripta-djan-o-pixador-e-o-artista-que-transcendeu-as-telas/> . Acesso em: 22/03/2016.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. *O nome de Spinoza*. Disponível em: <<http://www.benedictusdespinoza.pro.br/o-nome-spinoza.html>>. Acesso em: 04/04/2016.

FRANCO, Sérgio M. Iconografias da metrópole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo. Dissertação (Mestrado – Área de concentração: Projeto e Cultura) FAUUSP. São Paulo: 2009.

FRANÇOIS, Pierre. *Spinoza e les affects*. Groupe de Recherches Spinozistes. Travaux et Documents nº7. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1998.

GIL, José. O imperceptível devir da imanência: sobre a filosofia de Deleuze. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água, 2008.

GOMES, Livia G. Nery. JUNIOR, Nelson da Silva. Experimentação política da amizade a partir da teoria dos afetos em Spinoza. *Cadernos Espinosanos / Estudos sobre o século XVII*, nº28, p.39-58, jan-jun 2013.

GONÇALVES, Juliana A. J. Cor(m)posições. Dissertação (Mestrado – Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação - Campinas, SP: 2010.

GONÇALVES, Juliana A. J. *Obra Inacabada*. [S.l : s.n.] 2016.

GUATTARI, Félix. Trois milliards de pervers. *Recherches*, n. 12, p. 2-3, 1973.

KUSUNOKI, Raquel Minako. Espinosa e Vigotski : o problema da imaginação / Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

LEITE, Gabriela Silva. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____, Gabriela Silva. *Filha, mãe, avó e puta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LÚBRICO. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. [S.l.]: Priberam Informática, 2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>> Acesso em: 19/06/2016.

ORLANDI, Luís B. L. *Choque de intensidade na ética*. Rio de Janeiro: 2006. Palestra proferida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) durante o “Ensaio Aberto Gerd Bornheim – Arte Brasileira e Filosofia. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2013/07/02/choque-de-intensidade-na-etica-luiz-orlandi/> . Acessado em 04/04/2016.

_____, Luís B. L. Combater na Imanência. In: *Para uma vida não fascista*. /Margareth Rago, Alfredo Veiga-Neto, organizadores. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009a. – (Coleção Estudos Foucaultianos)

_____, Luís B. L., “Ética em Deleuze.” Revista Vies. (Entrevistadora: Fernanda Bellei) [S.l.:s.n.] em 19 jan. 2009b. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/wp/2009/01/19/cafe-filosofico-etica-em-deleuze-luiz-orlandi/>. Acesso em 05/02/2016.

_____, Luís B. L. *Elogio ao pensamento necessário*. São Paulo: Editora 34, 2012. (Prefácio)

PAULA, Marcos Ferreira de. *Alegria e Felicidade: a experiência do processo liberador em Espinosa*. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____, Marcos Ferreira de. Resenha: Como tornar-se livre e feliz. *Cadernos Espinosanos / Estudos sobre o século XVII*, nº22, p.229-236, jan-jun 2010.

_____, Marcos Ferreira de. Resenha: Arte e Imanência: um bom encontro entre Espinosa e Vermeer. *Cadernos Espinosanos / Estudos sobre o século XVII*, nº26, p.183-196, jan-jun 2012.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PEREIRA, Alexandre Barbosa et al. As marcas da cidade: a dinâmica da pichação em São Paulo. *Lua nova*, v. 79, p. 143-162, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a07n79.pdf> Acesso em 05/02/2016.

PRADO, Breno B. *Glitch, meio do erro*. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Abi Design) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru, São Paulo. Disponível em: <http://meioerro.tumblr.com/> . Acesso em 15/02/2016.

PUPIM, Rafael Giácomo. *As redes e a urbanização do interior paulista (1970-2010): reestruturação urbana e dinâmica urbano-regional*. 2013. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAMOND, Charles. *Vocabulário de Espinosa*. (Tradução de Claudia Berliner) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção vocabulário dos filósofos)

RODRIGUES, Nelson. Teatro Completo de Nelson Rodrigues: volume unico. Editora Nova Aguilar, 1993. Disponível em: http://www.nelsonrodrigues.com.br/site/comnelson_det.php?Id=16 Acesso em 11/02/2016.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSSI, Dorival C. Processos de criação de espaços e seus componentes de passagem. *Vírus*, v. 9, p. 20-32, 2013.

SAMAIN, E., “Muito além da ilustração.” *Jornal da Unicamp*. (Entrevistadores: ALVES FILHO, M.) Campinas: [s.n.] em 17 a 31/12/2012. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/550/muito-alem-da-ilustracao>
Acesso em: 20/06/2016.

SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Trad. de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1993.

SIMÕES, I. A. G. A Sociedade em Rede e a Ciberultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. *Revista Eletrônica Temática*. Ano V, nº 05, maio 2009. Disponível: http://www.insite.pro.br/2009/Maio/sociedade_ciberespa%C3%A7o_Isabella.pdf . Acesso em 09/09/2014.

SOUZA, Antônio V. M. *A expressão da diferença nas tensões da identidade*. *Revista Fórum Identidades*, Ano 2, Volume 4, jul-dez 2008, p91-101. Disponível em: http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IIN_4/SESSAO_L_FORUM_Pg_91_101.pdf Acesso em 21/03/2016.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética/Spinoza*. (Tradução de Tomaz Tadeu). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. (Tradução de Vera Ribeiro) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CAPÍTULOS DE LIVRO:

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. 14.1440 – O liso e o estriado, destacando os conceitos de híbrido, mistura e espaço tecnológico. In: __. *Capitalismo e esquizofrenia: mil platôs*. Vol.5. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1997. Cap. 14, p.179-214.

MÚSICAS/DISCOS:

ASSUMPÇÃO, Itamar. *Milágrimas*. Intérprete: Alice Ruiz e Anelis Assumpção. Bicho de 7 Cabeças, 1993. Volume II

DEBUSSY, Claude. *Clair de Lune*. Intérprete: Kamasi Washington. Los Angeles: Brainfeeder, 2015. 3 CD (173'36'')

GIZZA, Nega. *Prostituta*. Intérprete: Nega Gizza. Rio de Janeiro: Zambia/Dumdum Records, 2002. 1 CD (49'57'').

OLIVEIRA, Agenor. *O mundo é um moinho*. Intérprete: Agenor Oliveira. Rio de Janeiro: Discos Marcus Pereira, 1974. 1 LP (27'43'')

PRADO, Josemir J. F.; BROW, Mano. *Diário de um detento*. Intérprete: Racionais Mc's. Rio de Janeiro: Cosa Nostra, 1998. LP / CD

SCIENCE, Chico. *Afrociberdeleia*. Rio de Janeiro e São Paulo: Chaos, 1996. CD/LP (70'41'').

SCIENCE, Chico. Samba-makossa. Intérprete: Chico Science e Nação Zumbi. In: CHICO SCIENCE e NAÇÃO ZUMBI. *Da lama ao caos*. Estúdio das nuvens: Rio de Janeiro, 1994. CD/LP (50'). Faixa 6.

FILMES:

A visita do velho senhor. (De um conto gráfico de Potty Lazzarotto) Direção: Ozualdo Candeias. São Paulo: [S.I.] 1976. On line (14 min) preto e branco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VrMvZlqGXFg>
Acessado em: 04/04/2016

Marcas da rua II. Direção: Leandro "Soul"za (Penal). Fotografia: Leandro Mantovani e Talita "Exorcism". A.B.C * Z/SUL: Eduardo Zambetti / Eugen Pfister, 2012. On line (92 min 18s) preto e branco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NKX7ocuv7FI>. Acessado em: 08/10/2014.

Pixadores. Direção: Amir Escandari. Finlândia: HelsinkiFilmi, 2014. Dvd (93 min) colorido.

Sun in our head. Direção: Wolf Volsten. [S.I.]: Fluxus films, 1963. On line (07 min 04 s) preto e branco.
Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=z5krhw54oqs&hd=1>. Acessado em: 08/10/2014.

Vivre sa vie. Direção: Godard, Jean L. São Paulo: Imovision, 1962. DVD (80 min) preto e branco.

OBRAS CONSULTADAS:

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 1997. (Coleção TRANS)

DUCHAMP, Marcel. O Ato Criador *In*: BATTCOCK, Gregory. *A Nova Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2004. Disponível em: <http://osocoracional.wordpress.com/2009/02/01/o-ato-criador-marcel- Duchamp/>. Acessado em 05/02/2016.

SÉVERAC, Pascal. « Le devenir actif du corps affectif », *Astérion* [En ligne], 3 | 2005, mis en ligne le 13 septembre, 2005, Disponível em : <http://asterion.revues.org/158> . Acessado em 12/10/12.